

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

SILVIA MARGARETH DOS SANTOS CASTRO

**O IMAGINÁRIO DAS LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS NA ESCOLA: A
PRÁTICA DO LETRAMENTO POR MEIO DA CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

Abaetetuba-Pa
2019

SILVIA MARGARETH DOS SANTOS CASTRO

**O IMAGINÁRIO DAS LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS NA ESCOLA: A
PRÁTICA DO LETRAMENTO POR MEIO DA CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras
(PARFOR), da Universidade Federal do
Pará, como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciatura em
Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Rosângela do
Socorro Nogueira de Sousa

Abaetetuba-Pa
2019

SILVIA MARGARETH DOS SANTOS CASTRO

**O IMAGINÁRIO DAS LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS NA ESCOLA: A
PRÁTICA DO LETRAMENTO POR MEIO DA CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, sendo analisado e aprovado pela Banca Examinadora formada pelos professores.

Avaliado em de de 2019.

Conceito:

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa

Membro/Examinadora:
Prof.^a

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Pai pelo dom da vida.

Agradeço a minha família pela paciência e compreensão nas horas difíceis, estando ao meu lado me dando forças e sendo a razão da minha luta e do meu sacrifício.

Agradeço aos amigos da universidade por serem incentivadores desta conquista.

Agradeço imensamente a minha orientadora, a professora Dr^a. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa, que humildemente me direcionou para o desenvolvimento deste trabalho.

*Uma cantiga de amor se mexeu
Uma tapuia no porto a cantar
Um pedacinho de lua nascendo
Uma cachaça de papo pro ar
Um não sei quê de saudade doente
Uma saudade sem tempo ou lugar
Uma saudade querendo, querendo
Querendo ir e querendo ficar. [...]
O tempo tem tempo de tempo ser
O tempo tem tempo de tempo dar
Ao tempo da noite que vai correr
O tempo do dia que vai chegar.*

Pauapixuna-Rui Barata

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a construção de histórias em quadrinhos-HQ com lendas e mitos amazônicos, especialmente do município de Muaná-Pa, como ferramenta indispensável no processo de letramento dos alunos do 6º ano do ensino fundamental. Para isso foi escolhida uma escola localizada na área ribeirinha do referido município, a qual trabalha com ensino fundamental. O trabalho está desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas, tendo como embasamento alguns autores da área, aplicação de questionários aos alunos e professor e um plano de intervenção realizada na turma. A utilização das HQ permite que o aluno compreenda e interprete de forma autônoma os textos lidos, produzidos por eles mesmos e leva o professor a perceber a relevância de desenvolver leitores independentes, críticos e reflexivos. Portanto, é oferecido aos professores meios concretos de realizarem atividades coerentes que favoreçam a inserção do aluno no âmbito da leitura e escrita via letramento dentro do contexto amazônico.

Palavras-chave: Educação. Letramento. Aprendizagem. Contexto amazônico.

ABSTRACT

This work aims to present the construction of HQ comics with Amazon legends and myths, especially from the municipality of Muaná-Pa, as an indispensable tool in the literacy process of the students of the 6th year of elementary school. For this a school was chosen located in the riverside area of the mentioned municipality, which works with elementary school. The work is developed through bibliographic research, based on some authors of the area, application of questionnaires to students and teacher and an intervention plan carried out in the class. The use of HQ allows the student to autonomously understand and interpret the texts he / she has read and leads the teacher to realize the relevance of developing independent, critical and reflective readers. Therefore, teachers are offered concrete means to carry out coherent activities that favor the insertion of the student in the scope of reading and writing via literacy within the Amazon context.

Keywords: Education. Literature. Learning. Amazonian context.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Relação de alunos matriculados no ensino fundamental.....	37
Gráfico 2: Idade dos alunos	44
Gráfico 3: Sexos dos alunos	44
Gráfico 4: Os principais mitos e lendas	45
Gráfico 5: Distribuição percentual dos narradores	47
Gráfico 6: Percentual do que mais é atrativo nas lendas e mitos.....	48
Gráfico 7: Preferência por história em quadrinhos	50
Gráfico 8: Histórias em quadrinhos mais conhecidas	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lenda do Boitatá	39
Figura 2: Lenda do Boto, parte 1	40
Figura 3: Lenda do Boto, parte 2	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A LITERATURA AMAZÔNICA ENTRE LENDAS E MITOS.....	15
1.1 O DIREITO DO HOMEM À LITERATURA	15
1.2 LENDAS E MITOS COMO ELEMENTOS IDENTIDÁRIOS DE UM POVO	17
1.2.1 As lendas.....	18
1.2.2 Os mitos	19
1.3 LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS SOB O OLHAR DO MARAVILHOSO	20
1.4 O TRANSMISSOR DAS LENDAS E DOS MITOS NA AMAZÔNIA.....	22
2. A LENDA E O MITO AMAZÔNICO: INSTRUMENTO DE LETRAMENTO.....	26
2.1 LEITURA E LETRAMENTO COMO CONSIDERAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICA DA REALIDADE	26
2.1.1 A leitura	26
2.1.2 O letramento.....	27
2.2 A INSERÇÃO DA LENDA E DO MITO NA ESCOLA	28
2.2.1 A identidade da oralidade das lendas e mitos trabalhados no letramento...	31
2.2.2 Construindo o material didático a partir da realidade do aluno.....	33
2.2.3 As histórias em quadrinhos (HQ) como produção de letramento	34
3. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DE LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS	36
3.1 A ESCOLA PESQUISADA: CARACTERIZAÇÃO	37
3.2 A AÇÃO DE INTERVENÇÃO: O MITO E A LENDA AMAZÔNICA POR MEIO DE HQ.....	38
3.3 A EXPERIÊNCIA DO LETRAMENTO POR MEIO DAS HQ: OS QUESTIONÁRIOS	43
3.3.1 A fala dos alunos.....	43
3.3.2 Fala do professor	53

CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

A leitura é fundamental na vida das pessoas, pois ela amplia a visão de mundo e o indivíduo consegue interpretar as diversas mensagens existentes nele. No desenvolvimento da pessoa humana, a leitura tem um papel imprescindível, embora não seja muito valorizada por alguns profissionais da educação e por isso deixa de ser utilizada no processo de ensino e aprendizado.

Através da leitura é possível desenvolver plenamente a pessoa humana. Por meio da prática da leitura é ativada o pleno desenvolvimento cognitivo, favorecendo uma ampliação das capacidades psicológicas, da criatividade, do raciocínio, imaginação e compressão e interpretação de textos, de mundo e de vida.

O tema escolhido surgiu pela necessidade que os alunos do ensino fundamental encontram no processo da utilização da leitura e a escrita. São alunos que apenas decodificam palavras, conseguem ler e escrever, mas sem conseguir interagir no meio social e por isso precisam de um olhar diferenciado em relação a metodologia adotada pelos professores em sala de aula. Diante dessa problemática observada por mim, analisei que a motivação para o aluno é fator essencial para que ocorra o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a utilização das HQ com temas de lendas e mitos favorece a motivação dos alunos. As atividades de HQ podem ser trabalhadas de diversas formas em diferentes faixas etárias, especialmente na educação de crianças. A utilização de tal estratégia permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e leva o professor a perceber a relevância de desenvolver leitores independentes, críticos e reflexivos. Desse modo, para que o aluno desenvolva o protagonismo educacional, deve fazê-lo a uma atividade de leitura significativa, que perpassa em apresentar situações que alcance as necessidades do aluno.

A relevância do trabalho está no fato de que o incentivo à leitura nem sempre considera a realidade do aluno, desconsiderando elementos importantíssimos como a cultura regional. Assim, foi adotada a metodologia de característica qualitativa, que através de pesquisas bibliográficas, consultas a trabalhos acadêmicos relacionados com o tema e pesquisa de campo serviu de referência para o desenvolvimento do estudo. A pesquisa descritiva tem por premissa buscar a resolução de problemas, visando melhorar as práticas por meio da observação, análise e descrições objetivas, através de questionários para a padronização de técnicas e validação de conteúdo.

A partir disso, o trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo é abordado a literatura amazônica e seu desdobramento nas lendas e mitos, cujo objetivo é apresentar a importância da oralidade regional para ser trabalhada em sala de aula. No segundo capítulo é apresentada as lendas e mitos como conteúdo no ensino da leitura e escrita, por meio das HQ e que tem como objetivo abordar essa ferramenta indispensável na prática do letramento. No terceiro capítulo é apresentada a proposta de intervenção a partir de uma perspectiva de letramento e cujo objetivo é caracterizar a natureza e os passos realizados no desenvolvimento do trabalho, descrever a experiência da construção das HQ vivenciada em sala de aula, o objetivo é realizar as análises dos questionários dos alunos e professor, fundamentado na análise de conteúdo.

1. A LITERATURA AMAZÔNICA ENTRE LENDAS E MITOS

A literatura quando analisada contemporaneamente, não pode ser entendida simplesmente sob o alhar unidimensional, pois no decorrer de sua história houve evoluções contextualizadas no ambiente social em que o ser humano está inserido o que fez a literatura se configurar sob várias manifestações. É por isso que literatura apresenta várias variações, em particular a função de confirmar a humanidade do homem (CANDIDO, 1972, p. 702). Desse modo, a literatura reflete na personalidade do homem, contribuindo de maneira ampla e profunda a um conhecimento de mundo e de si mesmo, como identidade.

1.1 O DIREITO DO HOMEM À LITERATURA

Por mais que se tente, a literatura nunca se tornará limitada em sua essência. Hoje, devido a negligência que ocorre na educação brasileira a literatura torna-se menos conhecida e por isso pouco utilizada em suas funcionalidades. Do pouco que se conhece sobre a literatura nos ambientes de ensino médio e de graduação, tem-se a impressão de que ela é apenas a expressão da arte escrita, manifestada em versos e prosa. Quando se adota esse olhar perde-se totalmente a essência de que a literatura está totalmente presente na vida das pessoas.

Para que a literatura seja vivenciada como excepcional fonte de conhecimento, que perpassa toda a vida, necessita de “experiências que só os leitores podem descrever, por isso, merece ser destacada, refletida, discutida, perpetuada e desfrutada, entre todos, em todos os lugares.” (PEREIRA, 2016, p.2). A relevância da literatura para a humanidade não tem limites geográficos, gêneros, idade já que indispensável, pois “[...] garante ao participante do jogo da leitura literária o exercício da liberdade, e que pode levar a limites extremos as possibilidades da língua” (BRASIL, 2006, p. 49).

Sob essa perspectiva a literatura transmite valores e referências às pessoas, são fatos contados através da experiência das pessoas e que de maneira positiva contribui para a formação da pessoa humana e amplia a compreensão acerca da vida, para isso faz-se necessário o envolvimento do leitor em toda sua vastidão de conhecimento.

Direito à literatura não é indiferente ao direito à alimentação, visto que através da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DHDU), cada ser humano passa ter conhecimento de sua igualdade e dignidade diante da sociedade, é a participação a todos os bens presentes no mundo, tanto no sentido material quanto intelectual. Cândido (1988) esclarece essa relevância quando descreve:

Começo observando que em comparação a eras passada chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. [...] com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.” (CÂNDIDO, 1988, p. 169)

Para Cândido (1988) a literatura tem um papel relevante nesse processo de direitos humanos, pois segundo o autor a literatura é um instrumento de inclusão social e prática humanizadora, já que “[...] ela é fator essencial de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.” (CÂNDIDO, 1988, p. 175).

Por ser instrumento de libertação, a literatura torna-se um direito fundamental, que não pode ser escondido e manipulado por questões sociais, políticas e econômicas. Para o autor, a literatura rompe com a ignorância e leva o ser humano a enxergar a realidade, a esse processo Cândido (1988) chama de humanização, que para ele é:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 1988, p. 180).

Ao mesmo tempo a literatura tem o papel de construtora e reconstrutora da pessoa humana, mediante o uso adequado. Para Lopez (2009) a questão é emancipadora que ultrapassa qualquer limite, “[...] expor a função humanizadora da literatura, diretamente vinculada à satisfação de uma necessidade incontestável do

ser humano, cravada na psique de todos nós – o sonho, a efabulação que transfiguram a vida na criação literária.” (LOPEZ, 2009, p. 218).

É por isso que negar o direito à literatura é negar o direito de sonhar, é inibir o desenvolvimento cultural e extorquir os saberes individuais, pois “A literatura é um exercício de pensamento [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 23). É essa nova maneira de conceber a literatura, em todos os seus âmbitos desde o erudito até o popular, enobrece o homem pois o transporta para um autoconhecimento, partilhando vidas e sentimentos, diminuindo todas as barreiras criadas entre os homens e redemocratizando o conhecimento.

1.2 LENDAS E MITOS COMO ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DE UM POVO

Neste tópico é apresentada uma abordagem das lendas e mitos no que se refere ao fenômeno identitário que compõe a história de um povo. Serão apresentados elementos comuns que levaram à criação de tais narrações e sua perpetuação no tempo.

As existências das histórias de lendas e mitos são elementos presentes nas lembranças e no imaginário dos sujeitos de qualquer comunidade humana. Essas histórias são naturais aos povos e que permanecem de maneira viva na memória, a qual é perpassada para futuras gerações.

Apesar de a época atual ser chamada de pós-moderna, caracterizada pelo alto índice de cientificismo e elevado avanço tecnológico, é comum a presença das lendas e mitos em qualquer sociedade. Sobre isso, Carneiro et al (2005) destaca:

Quem vai podar o homem dos sonhos, das suas ilusões, da imaginação fértil e livre que constrói os básicos sentidos para o mundo e a vida. Isso, até hoje, não pode, e não deve ser contido. Os símbolos e a linguagem (outro símbolo) planam soltos. Vêm, de onde ninguém sabe. E são eles que identificam uma sociedade, um povo, dando-lhe uma identidade singular, onde quer que ele esteja (CARNEIRO JÚNIOR et al, 2005, p.12).

Para os autores esse fenômeno não pode ser contido e nem devem, pois por meio deles são adquiridas identidades, as quais configuram suas marcas no mundo e na sociedade.

1.2.1 As lendas

As lendas são muito comuns na região amazônica, e se apresentam sob a forma de narrativa oral ou escrita, mas em sua grande maioria as lendas amazônicas são transmitidas oralmente. Seus aspectos mais recorrentes são a transmissões que ocorrem de maneiras subjetivas, carregadas de encantos e maravilhosos fatos, fazendo com que os ouvintes sejam envolvidos e se sintam parte da narração. Além disso, existe a presença do fantástico que se mistura com o real, dificultando para o ouvinte identificar a fantasia e o real. Para Holanda (1986, p. 835), lenda é uma “narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética”.

Deve-se destacar a presença nas lendas do espaço geográfico fixado. Por isso, em cada lenda contada é determinada a localização do fato. Para Cascudo (1976):

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “*legere*” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço (CASCUDO, 1976, p. 348).

Em termos simples, os fatos se perpetuam ao passar do tempo numa transmissão que consegue permanecer no tempo, sem que seja identificado quem a produziu e tudo isso por meio da oralidade. Em sua compreensão sobre lenda, Cascudo (1976), explica:

Os conteúdos das lendas abordam narrações sobrenaturais misturadas no natural e por meio delas tentam explicar fatos e fenômenos não compreendidos. Essa facilidade das lendas em associar ao sobrenatural, pode ser entendido da seguinte forma:

Os mitos e as lendas são fenômenos da psique, dos dados individuais e coletivos, da trajetória épica, trágica ou cômica, dos seres humanos. Através dos mitos e das lendas pode-se penetrar nos meandros psicológicos dos homens, investigar seus desejos e suas leituras da terra e de si mesmos; o que é, num certo sentido, conhecer a própria história. Só que em uma visão mais ampla do que a análise fatural. É

uma tarefa árdua tentar divisar nas mitologias seus possíveis adventos fatuais. Mitos de criação do mundo, com seus heróis épicos em luta com a natureza e os deuses, são comuns nas sociedades antigas (CARNEIRO JÚNIOR et al, 2005, p.12).

Pode-se dizer que as lendas trazem a marca da mente de um povo e sua relação no espaço geográfico natural. As lendas apresentam a forma de pensar e entender questões poucos comuns. Também, a lenda descreve a história de um fato, que ganhou amplitude e transformação no decorrer do tempo acima do original. Sobre isso, Pierre (2005, p.16), explica que “as lendas históricas fundamentam-se em fatos reais, mas o narrador altera a verdade a fim de prová-la”. É com a intenção de autenticá-la que o narrador utiliza o fantástico, a fim de convencer o ouvinte de sua veracidade.

1.2.2 Os mitos

De origem grega, os mitos perfazem, assim como as lendas, narrativas que tentam explicar acontecimentos da realidade ou da natureza. A intenção é criar uma explicação capaz de satisfazer as indagações sobre o fato questionado.

Um exemplo disso se refere ao fenômeno natural do trovão, que para o povo Viking era atribuído ao deus Thor com seu martelo, dando a ele o título de deus do trovão. O mesmo fenômeno no contexto indígena brasileiro era compreendido como sendo o deus Tupã, o qual controlava os raios e os trovões. Deve-se entender que o mito era a explicação mais convincente, naquele momento, com o desejo humano de busca da verdade.

Para Ferreira, (1999, pg.1347), “O mito é um ideal da humanidade, significação simbólica transmitida de geração em geração, é considerada autêntica dentro do grupo, tem relatos sobre a origem de um determinado fenômeno pelo qual se postula uma explicação de ordem natural”. O que identifica o mito é origem das coisas ou dos fenômenos e sua explicação fantástica, por meio de seres sobre-humanos.

Na compreensão de Neto (1977, p. 146), “Mito – Narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo”. O mito apresenta em seu desenvolvimento muitos elementos peculiares, que

são capazes de adornar, favorecendo uma configuração de mágico ou divino. Desse modo, pode-se entender que:

Essas histórias estão recheadas de eventos naturais catastróficos e monstros transumanos, contra os quais os heróis e heroínas se põem em luta bravia, para redimir a sociedade, de uma falta, uma culpa, ou um desvio impensado das conveniências divinas. Muitos desses eventos parecem ter sido ocorrências físicas, ou geológicas, reais. Mas, como o homem podia explicar o inexplicável? Os rituais de nascimento, morte e de passagens, as viagens fantásticas, são procedimentos necessários de expiação, busca da paz, da superação, da transposição para uma nova posição individual e social; são caminhos para o apaziguamento da alma. E, assim, os mitos se fizeram e se fazem (CARNEIRO JÚNIOR et al, 2005, p.13).

Evidencia-se que nos mitos existem das uniões entre as várias formas de pensar do homem em determinado tempo, assim como também manifestações culturais e folclóricas, as quais identificam um determinado povo por suas vivências e realidades, que podem ser celebradas de caráter religioso ou não.

1.3 LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS SOB O OLHAR DO MARAVILHOSO

Contar uma história do passado é valorizar a sua cultura, ou seja, a própria identidade. Essas histórias deveriam ser registradas a fim de dar continuidade para a próxima geração. Desta forma, o poder de narrar uma história comum de um povo que mora na Amazônia e que existe até hoje, leva a valorizar os elementos presentes como os aspectos misteriosos e os poderes sobrenaturais dos personagens.

O que ser atrativo pelas narrativas amazônicas é a presença do maravilhoso, que de modo sublime valoriza os personagens nele contido. Sobre isso, Todorov (1979, p.27), destaca que “o maravilhoso pode caracterizar-se exclusivamente pela existência de feitos sobrenaturais, sem implicar a reação que provocam nos personagens”. O maravilhoso está acima do natural e isso é bastante chamativo, já que por meio da razão procura respostas para o entendimento da história.

As lendas como do boto e da cobra grande que são narrativas míticas da Amazônia, possuem uma história sagrada e que pelos seus aspectos se tornam contagiante de sensações sobrenaturais que fazem parte do conjunto de conhecimento fictício da Amazônia.

A maior prova da existência do maravilhoso na cultura do povo amazônico são as festas populares e que todos os anos se renovam, essa é uma identidade cultural

que se perpassa de geração em geração com grande intensidade. A Amazônia apresenta uma riqueza natural que é conhecida nacionalmente e que acaba formando o alicerce cultural do Brasil.

Portanto, as narrativas são histórias que fazem parte do imaginário e que também possuem poder maravilhoso, os quais são vivenciados sob muitas formas, inclusive como sagrados. Assim, “o mito é uma história sagrada retratada através das narrativas que relatam os feitos dos protagonistas e do acontecimento primordial” (LOUREIRO, 2001, p. 95). E o povo entende e vive assim, que existe um sobrenatural nas lendas e contos.

As crenças provêm da mitologia, possuindo uma diversidade religiosa, étnica e cultural, resultados das confluências sociais, principalmente dos ribeirinhos que vivem em contato com a natureza e que interfere na formação cultural trazendo histórias sobrenaturais e festas religiosas das suas localidades. As crenças religiosas misturam-se com poderes imaginários e as práticas de origem nativa.

A Amazônia é uma terra onde existe uma espécie de diferentes costumes religiosos, onde a cosmovisão do seu povo forma assim uma ideologia natural, compreendendo a formação do sistema religioso que se estabelece na identidade do seu povo. Cria-se também entre o ser humano e o sagrado uma relação com o racional e o irracional que está ligada diretamente com a cultura do povo e traz influência na vida cotidiana de cada um que vive a sua história e que busca o poder do imaginário.

O homem é um ser pensador que é capaz de provocar em si mesmo, um poder sobrenatural, principalmente quando ele narra uma história considerada mito. A principal missão de uma tradição religiosa é passar de forma oral e escrita tudo aquilo que uma geração herda das gerações antepassadas. É a transmissão das narrativas, das memórias, dos valores espirituais, dos rituais e dos costumes que sustentam as experiências sagradas. O sagrado é muito mais que religião, ele se faz presente em lugares significativos com pessoas capazes de envolver-se psicologicamente em poder sobrenatural do povo que faz parte dessas tradições culturais e religiosas.

Segundo Eliade (1992):

Visto que o Ano Novo é uma reatualização da cosmogonia, implica uma retomada do Tempo em seus primórdios, quer dizer, a restauração do Tempo primordial, do Tempo “puro”, aquele que existia no momento da Criação. É por essa razão que, por ocasião do Ano Novo, se procede a “purificações” e a expulsão dos pecados, dos demônios ou simplesmente de um bode expiatório. Pois não se trata apenas da cessação efetiva de um certo intervalo temporal e do início de um outro intervalo (como imagina, por

exemplo, um homem moderno), mas também da abolição do ano passado e do tempo decorrido. Este é, aliás, o sentido das purificações rituais: uma combustão, uma anulação dos pecados e das faltas do indivíduo e da comunidade como um todo, e não uma simples “purificação” (ELIADE, 1992, p.42).

O novo é uma tradição que se renova a cada ano com poder sobrenatural que envolve as pessoas e que transmite por gerações. É uma tradição cultural e religiosa que se comemora no mundo inteiro, a despedida de um ano velho, com a chegada de um ano novo. A identidade de um povo que vive uma tradição deixada pelas suas raízes e que se transborda de poderes sobrenaturais. As festas primordiais que se comemora no decorrer do ano são tradições que inspira de renovação e de poderes fictícios que contagiam nas comemorações e festejos dos costumes do povo que possuem uma identidade cultural garantida desde o seu nascimento até os dias de hoje.

A Amazônia apresenta uma riqueza cultural que é conhecida nacionalmente e que acaba formando o alicerce cultural de seu povo. Portanto, as narrativas são histórias que orientam a vida e possuem poder religioso de ser visto como eficiente, então, o mito é uma história sagrada retratada através de narrativas que relatam os feitos dos protagonistas do acontecimento primordial.

1.4 O TRANSMISSOR DAS LENDAS E DOS MITOS NA AMAZÔNIA

Pelo exposto acima, a lenda com o mito conseguem permanecer e se transmitir no tempo. Cabe saber como isso acontece, pois mediante a tantas transformação essas histórias continuam vivas na memória e na prática cultural do povo.

Isso só é possível graças a pessoa do narrador das lendas e mitos, que tem como característica a arte do imaginário. Conhecê-lo é uma forma de valorizar as sabedorias tradicionais que vão passando de geração para geração, relacionando o contexto natural, cultural e sobrenatural.

As histórias contadas são carregadas e depoimentos e lembranças mágicas. No centro da narrativa, está uma mistura de acontecimentos que descrevem pessoas, lugares e fatos que existem ou existiam, com acontecimentos misteriosos, inexplicáveis sobre a história narrada.

Nesse sentido, as lendas e mitos na Amazônia apresentam imagem própria e descreve animais do fundo dos rios, caraúnas, cobras grandes, botos, mãe do rio, dos

igarapés, flechadas de bichos, mau olhado, mundiação, desencantamento e muitos outros. E todas essas histórias confirmam os fatos vividos pela população, especialmente para os ribeirinhos em seu cotidiano de relações com os rios e as florestas.

As lendas e mitos amazônicos apresentam muitas versões, isso acontece porque os narradores se identificam com a história contada por outros ou vivida por eles. No decorrer dos tempos, essas histórias serviram como exemplo para pais e filhos, sendo que o senso prático é uma das características das narrativas orais, pois é por meio dessas histórias que se passam os conselhos e as sabedorias (BENJAMIN,1985). Um bom exemplo disso é a lenda do boto, o qual surge para encantar mulheres novas e levar para o fundo do rio, esse fato faz com que as famílias tenham cuidado com as moças em casa.

Hoje, mesmo com todo o avanço da tecnologia da modernidade, dos acontecimentos que estão surgindo cada vez mais, com velocidade em nossa sociedade, que faz com que o povo esteja esquecendo-se de valorizar seus costumes, suas culturas, crenças e se apegando ao novo. No entanto, ainda existem em alguns lugares, principalmente na zona ribeirinha, em que esses costumes de contar histórias dos ancestrais fazem parte da prática social.

Na zona rural, os povos ribeirinhos costumam narrar histórias vividas por eles ou contadas por seus antepassados e assim vão dando continuidade às culturas locais. Os avós tinham um forte prestígio de contador de lendas e mitos. Eles tinham perante a família uma imagem de sabedoria prática que repassavam por meio das histórias para seus filhos, sobrinhos, já que nesse tipo de história todos gostavam, desde as crianças até mesmo os adultos.

Na mediada em que o homem com sua história foi criando conhecimentos, valores, fatos e experiências como forma de cada vez mais se situar no mundo e para o mundo, ele acaba por não vivenciar práticas culturais, que antes por ele valorizada. Práticas essas, que são socialmente construídas, descobertas e trocadas entre pessoas do mesmo grupo social. no caso das narrativas orais, não se pode falar sobre as mesmas sem fazer referências aos lugares onde vivem aqueles que fizeram ou fazem as histórias que ouvimos.

Nesse sentido, essas histórias precisam ser contadas e também escritas, é aqui que entra a proposta do trabalho, para que sejam repassadas para as futuras

gerações. Conhecer o que há de inexplicável ou descobrir o que de submerso se pode encontrar nessas histórias permite que se conheça o imaginário de um povo.

Na cultura do caboclo amazônico podem ser encontradas várias riquezas, entre elas, está a riqueza da imaginação. Se pensarmos neste mundo real amazônico, veremos que o mesmo imaginariamente se liga ao irreal, ou seja, trata-se de um mundo que vai além do mundo evidente.

O caboclo amazônico, ao se tornar íntimo da lenda e do mito criado por ele ou vivido por um povo, sente-se parte também e por isso pode contribuir de várias maneiras, como vivenciando por meio das tradições ou divulgando por meio das narrações. Assim, ao assumir a lenda e o mito como elementos de sua identidade, o homem descobre o imaginário, onde tudo é possível, o sobrenatural resulta em natural, o mistério torna-se agradável e tudo é aceito com a maior naturalidade e através dessa aceitação é que as narrativas adquirem um aspecto maravilhoso para apreciar algo que não vemos e, no entanto, acreditamos que exista. Segundo Loureiro (1995):

Nas interpretações da Amazônia onde convivem em harmonia caráter científico, o tom impressionista e as observações sobre o cotidiano, com muita frequência transparece sob a ótica de quem contempla uma espécie de maravilhamento face ao que é, ou parece ser, desmedidamente grande, ou belo, ou forte (LOUREIRO, 1995, p.95).

É o ambiente maravilhoso de equilíbrio que as pessoas podem usufruir a cultura por meio da razão e do imaginário sem constrangimento para ambas as partes.

No passado, quando os anciões contavam muitas histórias, cada qual com sua especificidade própria, o entendimento das pessoas que ouviam ia gradativamente aumentando por meio das imagens que iam surgindo. O pensamento ia sendo formado e o comportamento aos poucos ia se normatizando. Quando eles começavam a narrar, parecia que o tempo parava. Eles narravam não só para encantar, mas também para ensinar e passar para as próximas gerações.

E dessa forma, se reconstruía uma nova perspectiva e manutenção não só de um narrador que se perpetuava pelas narrativas, mas nas lembranças da maioria do grupo em que ele está inserido, como também se garantia a manutenção de valores culturais, morais e éticos da permanência e existência significativa de cada membro dentro daquele grupo.

Então, o contador de história não era um ser profissionalizado, mas alguém que ia se identificando com as características próprias, devido as suas experiências vividas e construídas no decorrer do tempo. Assim, a narrativa ganha aspectos importantíssimos, devido esta conter descrições pormenorizadas, tão próximas de uma realidade, que poderia ser captada pelos ouvintes – expectadores, uma descrição tal qual a realidade. As palavras jorram da boca com um certo encantamento que maravilha a todos com as suas possibilidades de sensação (sinestésicas) diante do mundo das narrativas orais, criando assim expectativas do início ao fim de cada história narrada.

Contudo, é preciso entender, que “a cultura do mundo ribeirinho se espalha pelo mundo urbano, assim as narrativas vão se espalhando culturalmente” (LOUREIRO, 2001, p. 65). A cultura amazônica é valorizada e apresenta uma origem bem elevada e na origem rural e ribeirinha é que se vive com mais intensidade essas manifestações, nas histórias contadas de pai para filho, no decorrer do imaginário unificado refletido no mito (PIZZARRO, 2005).

As narrativas possuem acontecimentos sociais de determinadas regiões, criando uma identidade cultural através dos fatos ocorridos com pessoas da comunidade em tempo cronológico que vêm sendo repassado oralmente através dos tempos. Para que as narrativas tenham continuidade e sobrevivam, é preciso a transmissão desses conhecimentos, tanto oral, quanto escrito. Um bom narrador é aquele que vivencia a sua história ou a história do outro e saiba repassar oralmente. Segundo Benjamin (1985):

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ele ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.) (BENJAMIN, 1985, p. 220,221).

Em cada pessoa que apresenta uma identidade cultural persistente de um povo que valoriza suas raízes através de suas tradições, o narrador prevalece, e na Amazônia essa característica é mais forte, pois a prática de narrar está gradativamente nas famílias ribeirinhas, é lá que vivem bons narradores.

2. A LENDA E O MITO AMAZÔNICO: INSTRUMENTO DE LETRAMENTO

Neste capítulo será discorrido sobre o letramento trabalhado por meio da lenda e do mito. Nessa proposta, é considera-se a riqueza das históricas amazônicas sob uma perspectiva aplicada das relações sociais e históricas.

2.1 LEITURA E LETRAMENTO COMO CONSIDERAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICA DA REALIDADE

Ao desenvolver uma proposta em sala de aula, é favorável que o professor considere a realidade do aluno. Isso porque considerar a realidade é apresentar um texto dentro de um contexto, o qual já é de conhecimento e de prática do aluno. Por isso, o professor deve ser capaz de conhecer e extrair dessa realidade conteúdo a ser trabalhado em sala de aula.

2.1.1 A leitura

A leitura deve ser compreendida como uma construção do indivíduo em busca de uma compreensão do mundo que o cerca, sendo que a leitura é revestida do conhecimento das experiências, dúvidas incertezas, etc. E faz germinar ideia, ensina silenciosamente a escrever, estimular a imaginação e amadurece a sensibilidade.

Segundo Paulo Freire, o ato de ler não se esgota na decodificação da palavra ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, no sentido de uma correta compreensão do implícito utilizando o conhecimento prévio, proporcionando reflexão, fazendo inferências ao meio social por meio da leitura.

A leitura é um trabalho ativo de construção do significado do texto no qual se apoia em diferentes estratégias, como seu conhecimento de mundo, acumulados na memória desde as experiências remotas se se iniciam no momento em que a criança começa a observar realizando a leitura das formas, essas experiências vão sendo armazenadas no decorrer de cada etapa.

A leitura de mundo é fundamental na importância do ato de ler, como destaca Paulo Freire, (1981, p. 18), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não passa precedida da continuidade daquele”.

Nesta perspectiva alfabetizar de forma descontextualizada é desvincular o aluno de sua realidade; ensinar ao que já está pronto e acabado não proporciona

reflexão, essa metodologia, dificulta a aprendizagem, deixa o aluno desmotivado ou até abandonar os estudos.

Dessa forma, o método de repetição das palavras soltas frases criadas, considera o aluno como mero repetidor do conhecimento. Freire (1989), relata que:

Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem (FREIRE, 1989, p.22).

Alfabetizar de acordo com ato de ler envolve todo conhecimento adquirido pelo aluno ao longo de sua existência promovendo o elo entre o texto e o contexto. Cabe ao professor conhecer a realidade do educando por meio de uma roda de conversa, e a partir, desse conhecimento, direcionar o ensino de uma forma prazerosa, engajando o aluno na participação fazendo a oralidade, estimulando a expor opinião na forma de mundo.

2.1.2 O letramento

Deve-se atentar que, por mais que o professor consiga apresentar um trabalho em sala de aula com elementos da realidade, é o seu objetivo a ser alcançado que determinará a condução do trabalho e o respectivo resultado na vida do aluno. Em termos de ensino fundamental menor o professor deve estabelecer se deseja com o seu trabalho a alfabetização ou o letramento do aluno.

Tfouni (2010) esclarece que se o professor deseja a alfabetização dos alunos, a realidade será apenas uma fonte de palavras em que o aluno consegue a aquisição de sua escrita. No entanto, se o professor deseja que o aluno adentre num sistema escrito por uma sociedade, dando significado ao que escreve e considerando os aspectos sócio históricos, deve-se optar pelo letramento.

Para a autora, o letramento procura responder às seguintes questões:

- Quais as mudanças sociais e discursivas ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada?
- Grupos sociais não alfabetizados que vivem em uma sociedade letrada podem ser caracterizados do mesmo modo que aqueles que vivem em sociedades “iletradas”?
- Como estudar e caracterizar grupos não alfabetizados cujo conhecimento, modo de produção e cultura são perpassados pelos valores de uma sociedade letrada? (TFOUNI, 2010, p. 12).

Considerando a fala da autora, é nitidamente percebido que o letramento é muito mais amplo, no que se refere à aquisição da escrita. Também, o letramento busca entender se a ausência da escrita de uma pessoa é o resultado de um contexto social e de que maneira elas estão relacionadas. Desse modo, o letramento não apenas leva o aluno a escrever, mas proporcionar sua intervenção na prática social. A leitura e a escrita ganham uma nova configuração, não mais limitada, estática e mecânica. Pelo contrário, ela passa a ser ampla, dinâmica e criativa. A palavra não representa apenas um objeto específico do mundo, pelo letramento a palavra expressa a realidade social, cultural, histórica e até mesmo psicológicas do mundo.

Tfouni (2010) comentando Vygotsky (1984) destaca:

Para Vygotsky, o letramento é o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa da elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como: raciocínio abstrato, resolução de problema etc. (TFOUNI, 2010, p. 22)

Sob essa configuração, o letramento é visivelmente sócio histórico, o que não se alinha com outras interpretações de letramento em que são defendidas como não processuais e nem históricos. Como consequência a palavra letramento é utilizada como sinônimo de alfabetização.

2.2 A INSERÇÃO DA LENDA E DO MITO NA ESCOLA

Pode-se compreender e vivenciar sob vários aspectos a questão mítica amazônica. Mas, o que a torna comum sob essas várias abordagens é que vivenciá-la permite a construção de cidadania, identidade resgatada e preservada, além de sua perpetuação no tempo.

É um processo que envolve a sociedade, artistas de todos os gêneros e interesse político. No entanto, o ambiente favorável para que a memória presentes

nas narrativas míticas sejam plenamente entendidas como um patrimônio de um povo ocorre na escola. É na escola, como sendo o primeiro espaço social da criança, que a prática daquilo que a criança ouve e vê acontece.

No trabalho desenvolvido por Sá e Egas, (2015) é defendida a razão da inserção da lenda e do mito na escola:

Dessa forma, a busca em resgatar esse assunto e desenvolvê-lo nas escolas se faz necessário à medida que cada lenda e mito traz uma linguagem e a representação de hábitos regionais muito típicos e que representam quem somos. Fazer o resgate das nossas tradições e patrimônios imateriais é de fato buscar entender de maneira mais ampla nossas heranças culturais e as formas de como elas podem ser compreendidas e mantidas, pois muitos pensam que patrimônios fazem referência apenas a elementos palpáveis. Porém quando falamos de patrimônios estamos nos referindo a tudo que pode de alguma maneira nos auxiliar na compreensão da nossa história, cultura e tudo que mostra a identidade de um povo ou comunidade (SÁ e EGAS, 2015, p. 3)

Os primeiros contatos da criança com a cultura da sociedade ocorre na escola e se a escola não dispõe de meios para a transmissão e preservação essa mesma cultura fica comprometida, o que a torna vulnerável podendo ser até esquecida.

Novamente as autoras expõem a necessidade de apresentar lendas e mitos para as crianças:

Sendo assim, apresentar as lendas e mitos aos alunos torna-se um ato de cidadania, pois a comunidade tem o direito de conhecer e perceber que não se trata apenas de histórias fantásticas e sim de ensinamentos sobre o mundo em que vivemos, pois é através dessa linguagem e simbologia que o resgate desse patrimônio poderá ser feito, já que muito da nossa cultura e do patrimônio imaterial estão caindo no esquecimento e, portanto há uma necessidade de trabalhar a memória individual e coletiva da comunidade escolar para que nossa identidade não seja esquecida (SÁ e EGAS, 2015, p.4).

As falas das autoras são compreensíveis quando se observa que para o exercício de cidadania é necessário à vivência de uma identidade cultural local, comunitária, conservada e transmitida no tempo. Isso vai acontecer de maneira natural quando é apresentada desde cedo para a criança toda a riqueza de sua cultura histórica, a qual foi vivenciada por seus ancestrais de maneira viva e com identidade.

A memória individual e comunitária principalmente aqui na Amazônia nasce em um ambiente da natureza. Todos os elementos envolvidos perfazem o ambiente natural, o que causa a identificação dos personagens com os ouvintes das lendas e mitos. Quando se trabalha a narrativa mítica na escola os alunos tendem a ganhar

conhecimentos genuínos de sua própria história como nos aponta Freire (2011, p.23). “[...] conhecer a historicidade desse dizer, nos ajuda a compreender nossa própria identidade e nosso papel na teia social, pois sociedade e linguagem se constituem mutuamente”.

Para trabalhar com os mitos e lendas em sala de aula o foco precisa ser a priori os acontecimentos por trás dessas narrativas e sua representação para essas sociedades. Seus significados, valor cultural, linguagem e em última instância os personagens que dele fazem parte, pois os alunos precisam compreender o significado e importância desse fenômeno para a cultura indígena e as releituras desses nas sociedades contemporâneas, pois “contar o mito é batalhar pela sobrevivência do próprio povo” (ALMEIDA e QUEIROZ, 2004, p.251).

Diante do exposto, naturalmente surge o questionamento: em qual nível de ensino é indicado a narração mítica na escola?

Para essa pergunta faz-se necessário um conhecimento de cada nível de ensino. Em primeiro lugar, cada nível de ensino tem suas particularidades, seus aspectos naturais e sua maturidade cognitiva.

Segundo os trabalhos já realizados por teóricos como Piaget, Vygotsky e Wallon, entre outros é na educação infantil que inicia a construção do caráter, a formação pessoal, a capacidade de enfrentamento das mais diversas situações, o respeito às diferenças, enfim a formação global da criança para que ela se prepare para ser um adulto consciente dos seus direitos e deveres.

Para Basso(2010), ao comentar a teoria de Piaget, destaca:

Na perspectiva construtivista de Piaget, o começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. Conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo, é algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento. As formas de conhecer são construídas nas trocas com os objetos, tendo uma melhor organização em momentos sucessivos de adaptação ao objeto (BASSO, 2010, p.2)

É nesse meio que a criança está inserida que acontece aquisição de conhecimento. No contexto escolar as crianças da educação infantil têm o melhor ambiente nessa relação de homem-meio, pois as práticas desenvolvidas sempre favorecem a interação entre todos.

Na abordagem de Basso (2010), para Vygotsky a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a

linguagem na interação com os outros. O conhecimento tem gênese nas relações sociais, sendo produzido na intersubjetividade e marcado por condições culturais, sociais e históricas.

Considerando a abordagem realizada em seu trabalho por Galvão (2000), ao comentar sobre Wallon, é destacado que:

No primeiro ano de vida, a criança interage com o meio regida pela afetividade, isto é, o estágio impulsivo-emocional, definido pela simbiose afetiva da criança em seu meio social.[...] Dos 3 aos 6 anos, no estágio **personalístico**, aparece a imitação inteligente, a qual constrói os significados diferenciados que a criança dá para a própria ação. (O grifo é nosso) (GALVÃO, 2000, p. 56)

É por isso que a narração mítica pode ser utilizada na educação infantil como introdução para uma determinada atividade de ensino-aprendizagem, conectar a criança ao meio cultural a fim de conhecê-lo melhor possibilita o conhecimento histórico, ensinamentos de diversas etnias e costumes.

2.2.1 A identidade da oralidade das lendas e mitos trabalhados no letramento

Nas lendas e mitos, o contador de histórias é aquele que tem experiências de vida, capaz de ver nas histórias uma lição de sabedoria, essa sabedoria não pode ser descartada. Com o advento da modernidade, tinha-se a ideia de que a pessoa do narrador iria desaparecer. No entanto, aqui na Amazônia, onde ainda existem localidades que têm esses valores, desse contar histórias a pessoa do contador é concreta. Isso não significa que na Amazônia não haja elementos da modernidade, há a energia elétrica, o whatsapp, computadores etc.

Nas ilhas, há localidades que têm energia elétrica e que utilizam essas tecnologias, por outro lado, existem certas comunidades que ainda necessitam desse contato tecnológico. Devido a não terem acesso à tecnologia, os ribeirinhos se comunicam através da coletividade da narrativa oral.

Em comparação com a modernidade que traz a todo o momento inúmeras informações atualizadas da realidade, qual seria a identidade presente na oralidade das lendas e mitos que não se encontra na modernidade?

Segundo Benjamin (1995, p. 203), “a narrativa oral é diferenciada da narrativa da informação. A modernidade valoriza a informação, aquela notícia da modernidade, atualizada, e que só vale no momento em que ela acontece”. Na narrativa oral não há

um determinado tempo, é algo que as pessoas gostam, é um ponto de referência no discurso para estabelecer conexão com o diálogo da narrativa prendendo o ouvinte nas “teias” da mesma, atravessando o tempo. São histórias narradas e deixadas como herança de uma identidade cultural.

Para Loureiro (1995), a narrativa das lendas e mitos é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.

É uma forma própria de narrar, que não considera muito intermediadores para ser ouvida. Segundo Benjamin (1985):

Ela é, por isso, diferente do romance. Este, posto em um livro, é uma narrativa industrial. Alguém escreve, alguém revisa, outro faz a capa, outro faz o prefácio, outro leva para a gráfica, outro cola, outro vende e outros leem. Então entre o surgimento da história e a sua recepção há várias pessoas, mas ninguém se conhece. Na narrativa oral não é assim (BENJAMIN, 1985, p. 205).

Os narradores gostam de começar suas histórias como uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. São histórias que o povo conta, portanto, sua identidade, histórica e cultural.

A reminiscência é a memória fundamental na narrativa oral, ela contextualiza no sentido mais amplo a época de forma épica. Ela dá sentido para a forma, assim pode-se dizer que:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (...) O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1985, p.221).

O narrador é o mestre e sábio, seus ensinamentos e sabedoria são adquiridos pela experiência de vida e por isso consegue “tocar”, inferir nas vidas de outras pessoas de maneira construtiva.

Para Benjamin (1885, p.198.) “O grande narrador tem suas raízes no povo, principalmente nas suas camadas artesanais; é um homem que valoriza a sua

identidade cultural e tem um imenso conhecimento de vida. O narrador, como já foi sugerido, é uma figura entre os mestres e os sábios”.

É imprescindível comentar que a identidade da oralidade das narrativas parte do povo. Não é possível configurar oralidade sem essa presença cultural e conhecimento de vida partilhada.

Com essa preocupação, nossa pesquisa configura-se como uma tentativa de fornecer subsídios teóricos sobre o chamado gênero narrativo, necessários para se encontrar soluções didáticas para seu ensino. Portanto, o centro do problema abordado ao longo desse trabalho é o levantamento de algumas características dos mitos da Amazônia, dada a possibilidade de se trabalhar no ensino, tanto com a questão do gênero em si, quanto com o tema da diversidade cultural.

Consideramos que, a partir dos textos narrativos torna-se possível na escola as discussões sobre as questões relativas ao enraizamento\ desenraizamento do ser humano. Essa afirmação pode ser reforçada se retornarmos Morin (2000:61) para quem “[a] educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduzirá à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, dá condições comum a todos os humanos e dá muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da terra.”

2.2.2 Construindo o material didático a partir da realidade do aluno

Para o desenvolvimento da aplicação de intervenção, foi usado como base teórica os autores Antunes (2003) e Leffa (2008). A primeira autora destaca a necessidade de repensar na proposta de ensinar língua portuguesa e o segundo enfatiza a relevância de se criar materiais didáticos para atuação profissional em sala de aula, a partir da realidade do aluno.

Por isso optou-se na utilização das lendas e mitos amazônicos, que no contexto cultural dos alunos é bastante comum e rico em significado.

A abordagem desenvolvida neste trabalho considera a concepção de linguagem Interacionista, levando o professor de língua portuguesa refletir sua ação, seu pensar e repensar o objeto de ensino, ou seja, o texto, uma vez que ele não ensina

a lógica da retenção, mas proporcionar ao aluno um material que esteja de acordo com seu nível de aprendizagem.

Sabe-se que são muitos os desafios enfrentados em sala de aula, no exercício da docência e para que se tenha uma educação de qualidade, fazem-se necessários aprofundamentos teóricos traduzidos em práticas no cenário de sala de aula.

2.2.3 As histórias em quadrinhos (HQ) como produção de letramento

É indiscutível a relevância da leitura na vida de qualquer ser humano. Entretanto, existe uma preocupação alarmante por parte dos professores e estudiosos do caso. Essa preocupação vem por meio dos resultados das avaliações realizadas com alunos e que indica a precária condição em que se encontram esses alunos na prática da leitura. As avaliações realizadas não dizem respeito apenas a leitura de decodificação de letras em frases, mas a leitura crítica, reflexiva, capaz de fazer inferências sobre a realidade por meio do texto. É como destaca Rojo (2009, p. 77), leitura é “um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, muito além dos fonemas e grafemas”.

Essa preocupação é pertinente já que em todo lugar ou ambiente, seja em casa, no trabalho, na escola, igreja ou no vínculo social a leitura é utilizada, e não tendo domínio de uma leitura eficiente haverá más compreensões, interpretação e apontamentos equivocados sobre o que se está lendo. Mediante a este fato, professores são unânimes em propor atividades que possam contribuir para o melhoramento da prática da leitura. É como destaca Bortoni (2010, p.53), “desenvolver atividades que propiciem que os estudantes progridam em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras ao longo da educação básica”. Como destacado pelo autor, é uma progressão, que culmina na leitura proficiente de textos de baixa e alta complexidade.

Nos PCN's fica explícito essa necessidade quando destaca:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever (BRASIL, 1997, p. 53).

Na explanação dos PCN's, a leitura ocupa um papel muito relevante, já que é a base da construção de qualquer conhecimento e escrita, sendo que só vai escrever bem que souber ler bem. Aliado a isso, existe a necessidade da conscientização por parte dos alunos da relevância da leitura em suas vidas. Em uma sociedade em que a pessoa não sabe ler e interpretar um texto em seu contexto é facilmente condicionado a qualquer ideia e sem que haja questionamento.

Uma proposta concreta nessa progressão da prática da leitura aos alunos são as histórias em quadrinhos (HQ), que facilmente consegue atrair adultos e especialmente crianças, apresenta duas linguagens a verbal e a não verbal, além de serem facilmente adquiridas ou confeccionadas (proposta do presente trabalho).

Nos últimos anos, as HQ conseguiram ganhar bastante notoriedade em meio aos professores e dos estudiosos pela facilidade de aproximar os alunos da leitura. Nas HQ pode-se trabalhar com a utilização de textos simples ou complexos. Isso é verificado quando se constata a presença das HQ nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e prova Brasil.

A proposta desenvolvida neste trabalho considera a visão de Bortoni (2010), quando considera:

Para atingir a compreensão de um texto, o leitor depende de seu conhecimento de mundo, do conhecimento que tem acerca de um tema específico, da familiaridade com determinado gênero. (...) É necessário também captar os significados do texto, o que requer desde a identificação de grafemas até a realização de inferências (BORTONI, 2010, p.54).

As HQ conseguem utilizar a realidade do aluno sendo ela cultural, social, econômica, política, etc. como conteúdo de leitura. No caso de nosso trabalho foi utilizada as lendas e mitos nas construções das HQ, um conhecimento já detido pelos alunos e que viabilizou a prática da leitura. Mas, deve-se ter cuidado, pois somente as HQ de maneira isolada não são suficientes para a progressão da prática da leitura. Antes de tudo, deve-se conhecer o tema central das HQ, para assim ter uma melhor compreensão do mesmo, também o contexto sócio- histórico já mencionado e que levou a construção do material.

3. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DE LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS

O presente capítulo discorre sobre a metodologia utilizada na realização do trabalho e cujo objetivo é caracterizar a natureza e os passos realizados no desenvolvimento do mesmo.

A obtenção dos dados se deu por meio da aplicação do plano de intervenção realizado em sala de aula, juntamente com aplicação de questionários para os alunos e o professor. Essa metodologia adotada partilha da pesquisa qualitativa, pois:

- O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento: “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo”;
- Os dados são predominantemente descritivos;
- A preocupação com o processo maior que com o produto: “o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas”;
- O significado é foco de atenção: “nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”;
- A análise dos dados por processo indutivo: os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas previamente. As abstrações são realizadas e se consolidam a partir da análise dos dados num processo de baixo para cima (LÜDKE, 1986. p. 11-13).

Segundo Chizzott (2001), na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeito que elaboram conhecimentos e produzem praticas adequadas para intervir nos problemas que identificam pressupõem-se pois que ela tem um conhecimento prático, de senso comum e representações relevantes elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam suas ações individuais.

Sobre as coletas de dados, consistiram em aplicação de questionários para os alunos (APÊNDICE C) semiestruturados, mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B) com perguntas abertas. Tais questões abordavam os conhecimentos sobre os mitos e contos amazônicos, levando em consideração aspectos ligados ao cotidiano do campo. Em seguida foi aplicado o questionário com o professor, composta de 9 perguntas (APÊNDICE D), que visava conhecer o entendimento do professor em relação à alguns assuntos como

letramento, dificuldades em sala de aula para realizar leitura, HQ e mitos e lendas sendo usados em sala de aula.

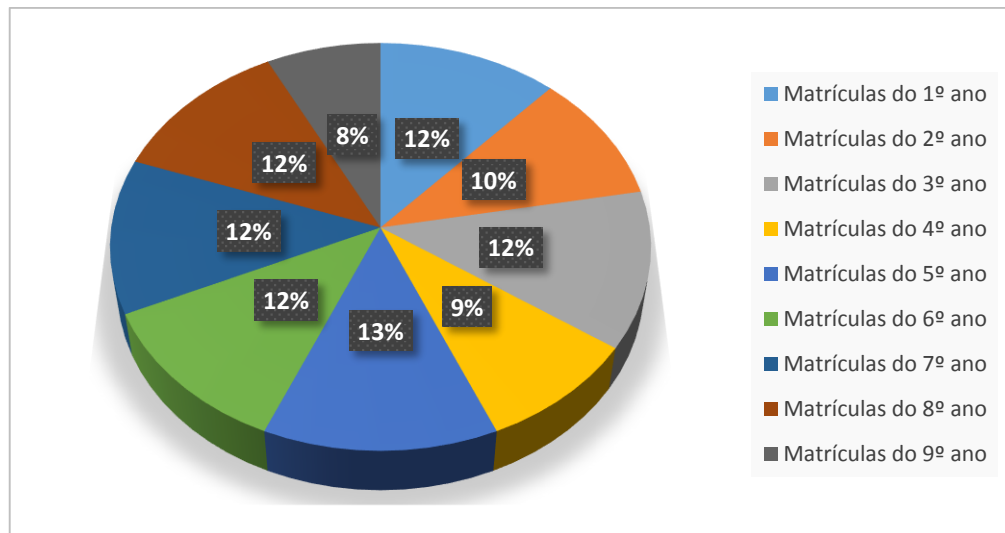
3.1 A ESCOLA PESQUISADA: CARACTERIZAÇÃO

A escola pesquisa é da zona rural, localizada na Vila Pracuuba do município Muaná-Pa.

O prédio da escola apresenta 14 salas de aulas, 54 funcionários, sala de diretoria, cozinha, banheiro dentro do prédio, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, despensa, pátio coberto e área verde.

A escola recebe recursos financeiro do governo federal por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). A escola oferece o ensino de nível fundamental (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano), em que estão matriculadas 263 alunos e os anos finais (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano), com 203 alunos. Desse total, 4 são de educação especial¹. Abaixo, no gráfico 1 estão discriminados as porcentagens de alunos do nível fundamental.

Gráfico 1: Relação de alunos matriculados no ensino fundamental



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

É uma escola bem estruturada que oferece um ambiente estimulante para a aprendizagem, possuindo alguns recursos audiovisuais como impressora, copiadora, internet banda larga.

¹ Esses dados são referentes ao ano de 2018.

3.2 A AÇÃO DE INTERVENÇÃO: O MITO E A LENDA AMAZÔNICA POR MEIO DE HQ

No dia 11 de janeiro de 2019, foi realizada uma visita na EMEF Deputado Osvaldo Brabo de Carvalho. O objetivo da visita foi conhecer o professor e os alunos da turma do 6º ano. No primeiro momento me apresentei para a diretora, falei o motivo da minha visita e apresentei uma carta de apresentação (Apêndice A). Mediante a isso, ela me autorizou a desenvolver meu trabalho na turma.

Em seguida ela me apresentou para a professor da turma do 6º ano, a qual funciona no turno da tarde. Conversei com o professor e apresentei o termo de consentimento (Apêndice B), em seguida perguntei quantos alunos haviam na turma, a faixa etária da turma e como estava o nível de aprendizagem da turma. Ele me respondeu que havia 17 (dezessete) alunos matriculados, mas que nem todos estavam frequentando as aulas e cuja faixa etária variavam de 11 a 14 anos. Quanto ao nível de aprendizagem ele me respondeu que eles encontravam dificuldade na interpretação dos textos lidos.

Após essa conversa me direcionei para a sala de aula para conhecer a turma e em seguida me apresentei e falei o motivo da visita e que precisava da contribuição deles e do professor para executar o trabalho em sala de aula.

No dia 14 de janeiro iniciei a pesquisa em sala de aula por meio do plano de intervenção (Apêndice E). No dia 15 de janeiro foi realizada uma explanação geral sobre os mitos e lendas amazônicas e foi pedido que ao retornarem para suas casas pudessem fazer um levantamento sobre as lendas e mitos que sua família conta ou contava para seus filhos, netos, etc.

No dia 16 de janeiro expus para eles sobre as HQ e comecei a questioná-los sobre o que é, se nós poderíamos fazer em sala de aula e se eram necessários equipamentos modernos, papéis e canetas especiais para escrever uma história em quadrinhos. A resposta foi unânime. Segundo eles, as HQ podem ser feitas em qualquer lugar e utilizando materiais simples e até mesmo reciclado. Foi então pedido que eles fizessem uma HQ utilizando como tema as lendas e mitos que suas famílias contaram para eles. A seguir serão apresentados duas HQ criadas pelos alunos.

Figura 1: Lenda do Boitatá



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

A lenda do boitatá é muito recorrente no norte e nordeste do Brasil. O que chama a atenção na história criada são os elementos do cotidiano amazônico que estão presentes em toda a história. A começar, o primeiro personagem convida seu amigo para colocar *matapi* no *igarapé*. Esses dois elementos fazem parte da subsistência do povo ribeirinho e é associado a uma prática individual ou comunitária. Outra palavra presente é o *casco*, meio de transporte utilizada pelos ribeirinhos.

É de se observar que o cenário descrito na história é todo amazônico, até mesmo, se analisada, as roupas dos personagens, o aluno que a escreveu detalha bem o figurino regional ribeirinho.

É interessante observar o processo de letramento que ocorre no desenvolvimento da história, a prática social da língua a partir da realidade, foi elemento bastante marcante nessa história, além das expressões regionais como “*tá doido*” que enfatiza o modo oral de comunicação existente. Tudo isso mostra que o

aluno interage, por meio da leitura e escrita, com sua realidade e as HQ proporcionaram isso.

Na figura 2 é apresentada a HQ da lenda do boto, muito forte aqui na Amazônia, e que até hoje consegue ganhar admiradores e respeito dos ribeirinhos.

Figura 2: Lenda do Boto, parte 1



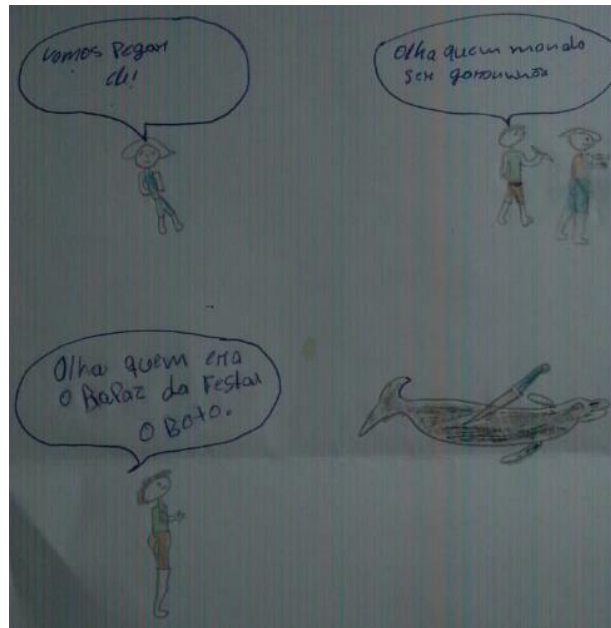
Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Nessa história, se observada, novamente existe a presença dos elementos amazônicos, como o cenário da festa em que era tida como lugar de encontros entre as pessoas, já que devido as grandes distâncias das casas era a única forma de reunir as pessoas conhecidas para se confraternizarem.

A história inicia com a presença de um rapaz bonito e garboso que a moça aguarda ansiosamente, mas que gera ciúmes em um outro rapaz que não se conforma com a opção dela pelo rapaz misterioso. Ao chegar na festa, a moça é avisada da presença do misterioso homem e outro elemento social ribeirinho entra em cena, a dança. É por meio da dança que os casais passam e se relacionar e efetivar uma

união futura, a fim de constituir família. Sobre essa inferência do aluno em descrever perfeitamente a relação social por meio da escrita evidencia novamente o letramento. O aluno consegue captar e descrever minuciosamente os elementos regionais, as interações sociais e o imaginário.

Figura 3: Lenda do Boto, parte 2



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Sobre o imaginário, tem-se sua evidência na figura 3 em que o rapaz enciumado tenta ferir o misterioso personagem da festa, e como rota de fuga é utilizado o rio. Assim o rapaz garboso se atira nas águas do rio, gerando dúvidas sobre sua natureza e identidade. Sobre esse elemento amazônico, o rio, Rui Barata o descreve muito bem: “esse rio é minha rua, minha e tua mururé...”

Após essa fuga todos ficam “maravilhados”, pois associam o rapaz misterioso com o boto. Com isso ganha-se o fantástico nas interpretações dos ribeirinhos e os próprios botos são vistos com outros olhos, como descrito no capítulo 1, sob a ótica do maravilhoso.

Após o desenvolvimento do trabalho em sala de aula, foi feita uma conversa com os alunos sobre o que eles acharam das aulas realizadas. Os mesmos relataram que foi uma verdadeira experiência de vida, as aulas foram muito interessantes e diferentes do que estão acostumados a estudar, aprenderam muitas coisas novas, brincaram e se divertiram.

De princípio, os alunos estavam um pouco tímidos, já que não haviam participado de atividades dessa natureza. Para eles, aula de língua portuguesa era apenas o professor escrever no quadro, explicar e os alunos copiarem. Tinham a ideia de um ensino muito apoiado em livros já fabricados. Em suas concepções não havia possibilidade de conciliar as lendas e mitos da Amazônia com ensino.

Isso acontecia porque durante os anos anteriores de estudo que tiveram, nunca tinham realizados esses tipos de atividades que considerava a cultura e o folclore em sala de aula. Segundo os relatos que fizeram, as aulas ficaram mais alegres, com entusiasmo de escrever e ler usando a realidade ribeirinha. Foi percebido que eles se envolveram de uma forma, que o tempo não era percebido por eles e quando menos se atentavam a aula já estava no seu final, ficando o desejo de continuar em sala de aula.

Outro ponto a ser comentado se refere ao fato de que por meio das atividades realizadas com HQ, houve um despertar e o interesse de ler e escrever passaram a ser visíveis, além da ótima relação interpessoal vivenciada por eles em sala de aula. Também pode-se ver o sorriso e alegria de cada aluno ao participar das criações das HQ. Aliada a tudo isso, a capacidade antes nunca usada por eles despertou em meio a prática da criação de HQ envolveu expressão oral, escrita e artística.

Sobre o tema trabalhado em sala de aula, houve assimilação imediata e assim puderam fazer inferências construtivas, já que a realidade abordada é um conhecimento de seus cotidianos.

De modo geral, o plano de aula aplicado foi efetivo na proposta de letramento, no contexto ribeirinho. De maneira pessoal, como professora, fiquei muito contente com os resultados, até me surpreendi, pois o professor regente da turma me relatou das dificuldades que eles apresentavam na interpretação e em assimilar o conteúdo proposto. Assim, em meio as atividades realizadas, obtive um resultado positivo em relação à leitura, escrita por meio da HQ e do conteúdo proposto, por ser um tema do cotidiano dos alunos.

3.3 A EXPERIÊNCIA DO LETRAMENTO POR MEIO DAS HQ: OS QUESTIONÁRIOS

O objetivo deste tópico, a partir dos dados coletados por meio dos questionários, é realizar as análises dos escritos dos alunos e professor, fundamentado na análise de conteúdo.

Para análise dos dados foi adotada a análise de conteúdo, que segundo Minayo (2008), é uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos.

Corroborando com Minayo (2008) acerca da análise de dados, Bardin (1977), destaca que:

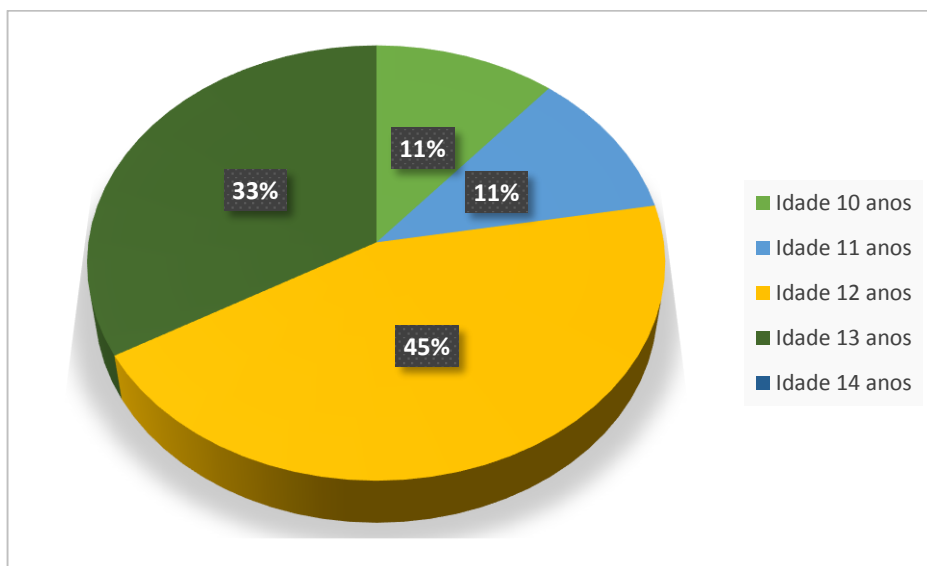
As diferentes fases de análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos:

- A pré-análise: é a fase de organização propriamente dita (...). Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final;
- A exploração do material: esta fase consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas;
- Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 1977, p.95 e 101).

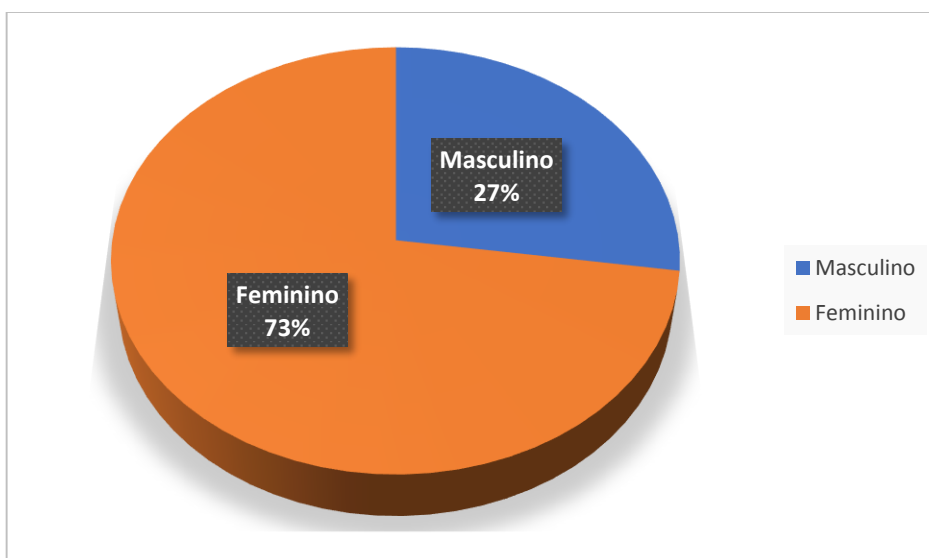
Nesse sentido, foi adotado os seguintes passos, a pré-análise seguida da exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, ou seja a inferência e a interpretação.

3.3.1 A fala dos alunos

Para a aplicação deste questionário participaram 11 (onze) alunos da turma do 6º ano. Os alunos não tiveram seus nomes mencionados e foram identificados como aluno A1, A2, ...A11. A pergunta número 1 se refere a idade e ao sexo, por isso as respostas foram agrupadas, tabuladas e sua interpretação se deu por meio de gráficos estatísticos. A partir da segunda questão fez-se a descrição das respostas seguida de análise.

-Dados gerais**a) Idade****Gráfico 2: Idade dos alunos**

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

b) Sexo da turma**Gráfico 3: Sexos dos alunos**

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

-Sobre o conhecimento de lendas e mitos no município de Muaná

Os alunos foram questionados se conhecem as lendas e mitos da região, suas respostas foram organizados na tabela 1.

Tabela 1: Conhecimento das lendas e mitos

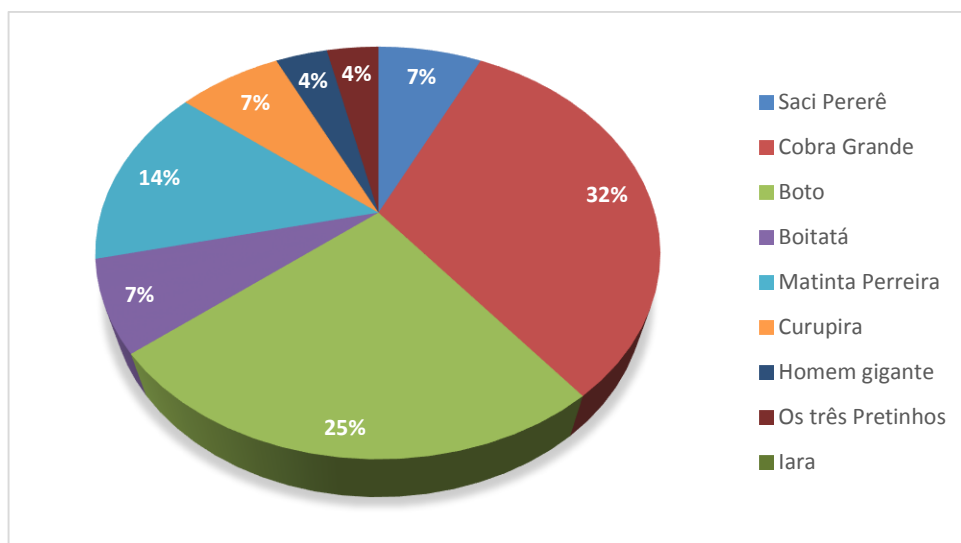
LENDA/MITO	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11
Cobra Grande	■		■	■	■	■	■	■	■	■	■
Boto	■	■	■	■	■				■		■
Boitatá	■									■	
Saci Pererê	■										
Matinta Pereira		■	■		■			■			
Iara								■			■
Curupira				■						■	■
Homem Gigante							■				
Os três pretinhos							■				

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Ao visualizar a tabela, é identificado a presença de lendas de outras regiões do Brasil, um exemplo disso é o Saci Pererê e o homem gigante, o qual não fazem parte do ambiente amazônico. Mas, a predominância da lenda da cobra grande e do boto confirma o cenário amazônico ribeirinho como sendo a fonte de do imaginário e do misterioso. Todas as crianças, com exceção do A2 não se referiu à cobra grande. Isso demonstra o quão viva é a memória do povo ribeirinho e que essa memória foi transmitida para elas.

A partir das frequências das respostas foi montado o gráfico 4.

Gráfico 4: Os principais mitos e lendas



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

A presença dessas histórias no cotidiano das crianças faz com que elas experimentem a memória de seus antepassados carregados de sentimentos e imaginário. Para Souza (2011):

De uma outra forma, poderíamos dizer que as histórias lendárias são atemporais, o que elas contam pode acontecer em qualquer lugar com qualquer um, aqui e agora, o que torna possível à criança se identificar e relacioná-las à realidade. Também as personagens existentes nessas histórias, são representações efetuadas pelo homem, por milênios, e que representam seus sentimentos mais profundos. As personagens lendárias possuem características comuns nas crianças (SOUZA, 2011, p.23).

As duas maiores predominância, em relação as outras lendas, é da cobra grande e do boto, histórias essas atemporais, como comenta Sousa (2011). Isso pode ser compreendido pelo fato de que tanto a cobra grande, quanto o boto possuem o habitat nos rios e é bastante comum um ribeirinho encontrar em seu dia a dia um desses animais e associá-lo à lenda já conhecida.

-O narrador das lendas e mitos

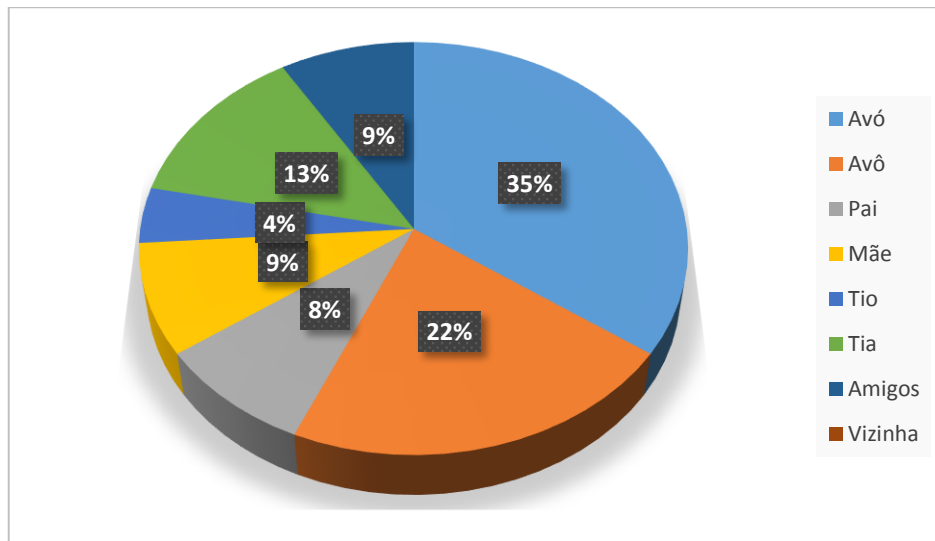
Buscando saber como os alunos obtiveram conhecimentos sobre as lendas e mitos de Muaná, foi perguntado quem contava essa histórias. A tabela 2 nos informa por que meio essa transmissão ocorreu.

Tabela 2: Os narradores das lendas e mitos

O NARRADOR(A)	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11
Avó											
Avô											
Pai											
Mãe											
Tio											
Tia											
Amigos											
Vizinha											

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Nos relatos dos alunos existe a presença da família como agente responsável pela transmissão da memória, sendo que não é a única, já que também os vizinhos e amigos fazem parte dessa transmissão. Pela tabela 1 e gráfico 5 foi possível perceber que os alunos possuem uma memória viva, em relação às lendas e mitos.

Gráfico 5: Distribuição percentual dos narradores

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Pelo gráfico 5, fica evidente a relevância dos avós na continuidade da transmissão da memória herdada do povo ribeirinho. Tal resultado pode ser compreendido quando se analisada a proximidade que os avós têm com os netos. Deve-se atentar que na sociedade atua, segundo Chauí (2000, p. 161) “(...) considerados inúteis e inservíveis em nossa sociedade, ao contrário de outras em que os idosos são portadores de todo o saber da coletividade, respeitados e admirados por todos”. Diferentemente disso, os alunos apresentaram respeito pelo conhecimento que essas pessoas possuem, por isso são sempre considerados como pessoas importantes, carregadas de conhecimento e sabedoria.

-O que acha mais interessante nas histórias

Toda criança é seletiva, no que diz respeito àquilo que lhe é oferecido, ou seja nem tudo aquilo que é apresentado a criança será de interesse dela. Por isso todas as atividades devem ser realizadas dentro daquilo que a criança procura, do seu interesse.

A tabela 3 nos oferece uma boa justificativa do porquê da atração dos aluno pelas lendas e mitos.

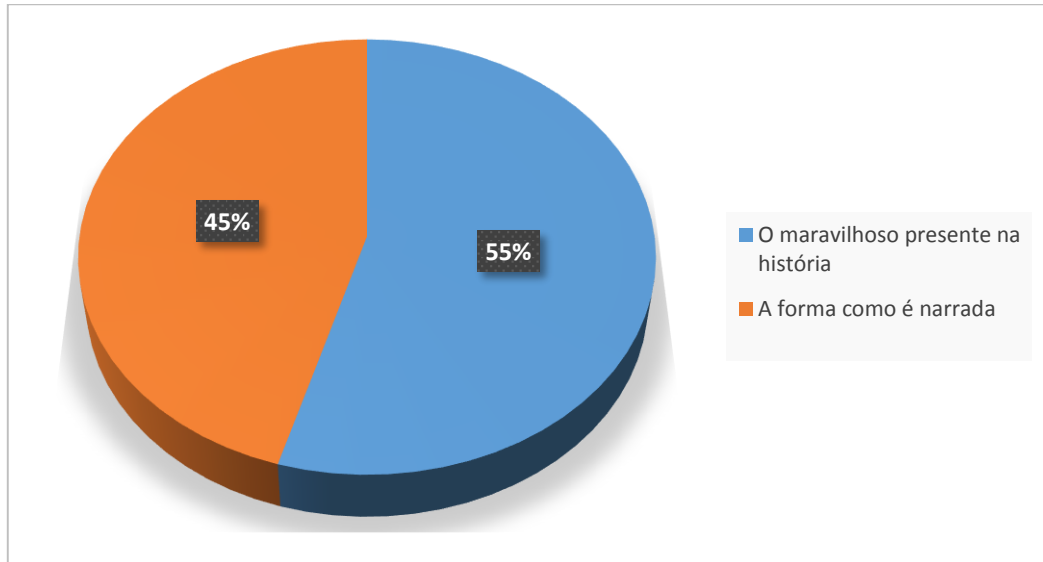
Tabela 3: O que mais atrai nas lendas e mitos

ELEMENTOS	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11
O maravilhoso presente na história	■				■	■	■			■	■
A forma como é narrada		■	■	■				■	■		

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Basicamente são dois elementos os responsáveis pelo gosto dos alunos nas histórias ribeirinhas, o maravilhoso e a forma como é narrada.

Gráfico 6: Percentual do que mais é atrativo nas lendas e mitos



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Essas histórias não estão presentes em livros, por isso a forma como é contada envolve toda a desenvoltura do orador, que utiliza expressões faciais e tonalidades de voz para alcançar o objetivo de transmitir a história. O cenário ribeirinho, a palavra falada prevalece sobre a escrita, não por ser superior ou mais eficiente, mas por conseguir maior efeito sobre o leitor.

A palavra falada e a palavra escrita se opõem também pelos seus efeitos sobre os ouvintes/leitores. Enquanto a mensagem escrita exige uma postura mais séria e crítica do leitor, a mensagem falada supõe uma relação de prazer: o narrador (que fala) busca encantar o ouvinte, ao passo que o orador (que escreve) busca convencer o leitor da verdade por ele veiculada. Estabelece-se, assim, a distinção entre *mythos* e *logos*, sendo o primeiro localizado na ordem do fascinante, do fabuloso, do maravilhoso, e o segundo, na ordem do verdadeiro e do inteligível (MONFARDINI, 2005, p. 51)

O maravilhoso presente nas lendas e mitos se destacam pelo fato de proporcionar na criança a utilização da imaginação. Por natureza, a criança consegue visualizar todo o contexto, o cenário e os personagens das lendas e mitos, já que existe uma frequência natural do maravilhoso presente nas histórias como a etapa de desenvolvimento da criança.

-Conhecimento das histórias em quadrinhos

Ao serem questionados se tinham conhecimento das HQ, todos foram unânimes em responder que sim. As HQ é uma realidade que invade todos os espaços geográficos, classes sociais, escolas, sendo rural, urbana, ribeirinha, etc. e tem a capacidade, como poucas, de atrair a atenção de quem a lê. Por isso as HQ não podem ser evitadas de ser trabalhadas na escola, é um conhecimento que os alunos já trazem e que pode ser muito bem aproveitado por meio de uma bom projeto em sala de aula.

-Gosto por histórias em quadrinhos

Sobre o gosto por HQ os alunos, por meio da tabela 4, evidenciam a familiaridade deles com as HQ. Isso acontece pela capacidade que HQ possuem em conseguir a atenção das crianças. Nesse contexto, entra em cena as cores, imagens e as falas dos personagens, que de uma forma ou de outra dialogam com o leitor.

Tabela 4: Gosto por história em quadrinho

OPÇÃO	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11
Sim											
Não											

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

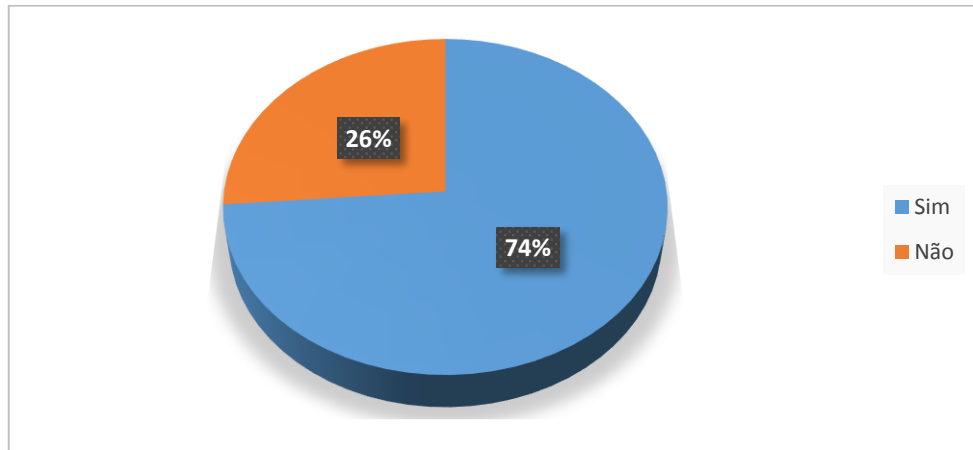
Em relação aos dois alunos que disseram que não gostam das HQ, pode-se inferir que isso acontece por não terem tido um contado adequado com as mesmas ou terem uma compreensão equivocada do que seja.

Atualmente são lançados livros didáticos que incorporam as HQ em seu conteúdo, possibilitando um novo atrativo ao aluno, como nos aponta Rama e Vergueiro (2012):

Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo. No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções (RAMA. VERGUEIRO, 2012, p.14)

Assim, a expressividade do gosto pelas HQ (gráfico 7) evidencia que ela pode ser utilizada como instrumento de trabalho em sala de aula, de modo isolada ou dentro dos livros didáticos, pois a rejeição é mínima.

Gráfico 7: Preferência por história em quadrinhos



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

A familiaridade dos alunos com as HQ proporciona ao professor o repensar em suas práticas em sala de aula. Não se pode desperdiçar as vantagens que as HQ têm na vida do aluno, como incentivo a prática de leitura e escrita.

-História em Quadrinho que mais gosta

Quando questionados sobre suas preferências em história em quadrinhos, a tabela 5 deixa bem evidente que a turma da Mônica se destaca de uma forma ímpar.

Tabela 5: Preferência entre as HQ

HISTÓRIAS	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11
Turma da Mônica	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Sítio do Pica Pau amarelo		■	■								

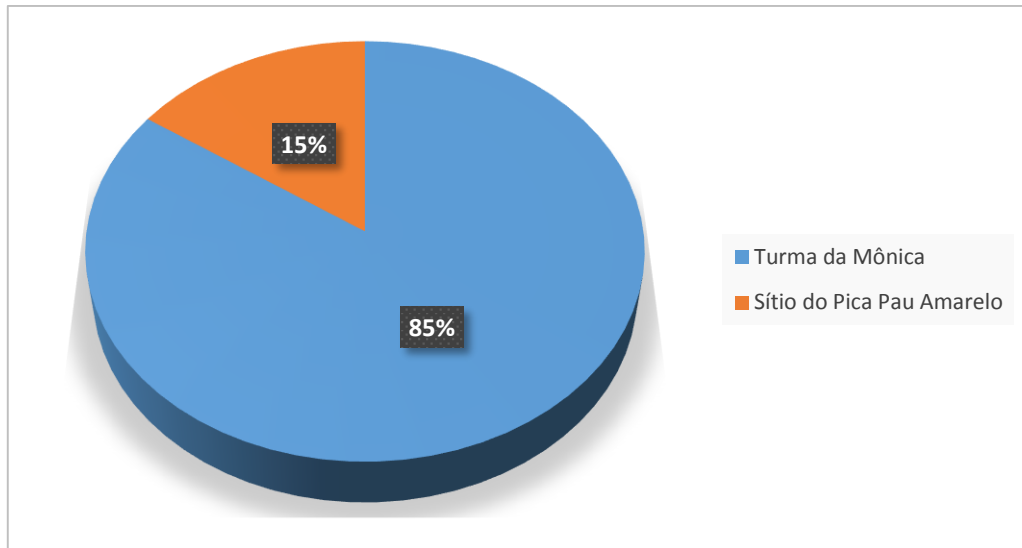
Fonte: Pesquisa de campo, 2019

É inegável que a turma da Mônica e o Sítio do Pica Pau Amarelo conseguiram encantar as crianças por sua forma simples de comunicar uma história, não fugindo da própria realidade da criança. Os temas das histórias sempre consideram o ambiente da criança, não fugindo assim dessa realidade e a amplitude que consegue atingir, segundo Bari (2008), favorece à prática do letramento:

Além do teor facilitador da informação “contextual”, presente naturalmente na linguagem das histórias em quadrinhos, a interação dos sujeitos cooperativos que compõe as comunidades leitoras dos

diferentes gêneros quadrinhísticos colaboram com a potencialização do letramento. Ou seja, as práticas comunicativas e a troca de impressões, referências e experiências leitoras entre os membros dos grupos sociais de leitores de histórias em quadrinhos criam uma ecologia da comunicação propícia à apropriação da leitura e ao letramento (BARI, 2008 p. 119).

Gráfico 8: HQ mais conhecidas



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Cabe ao professor selecionar quais das HQ podem ser trabalhadas em sala de aula que considere a realidade do aluno, tanto em nível de idade e de cultura. Com isso, o aluno consegue inferir sobre a realidade, por meio de reflexão e questionamento. Esse tipo de leitura é fundamental na construção de leitores proficientes, não apenas a decodificação mas a capacidade de análise tanto do texto como da realidade.

- Possibilidade de criar HQ com as lendas e mitos

Quando perguntado se há a possibilidade criar HQ a partir das lendas e mitos, todos os alunos não hesitaram em responder que sim. Os alunos A1 e A2 destacam que com as HQ o leitor não irá esquecer, já que é carregado de mistérios. O aluno A3 destaca que por meio das HQ das lendas, a cultura amazônica ficaria mais conhecida. Já para os alunos A4 e A5 a criação ocorreria de maneira natural e não haveria nenhum problema. Os alunos A6 e A8 apostam nessa nova forma de conhecer as lendas e mitos por meios das HQ. O aluno A9 assim destaca, “seria muito interessante criar uma história baseada em uma de nossas lendas”. A7 vê a possibilidade de

estudar conteúdos nas HQ. Os demais alunos apenas afirmaram que sim, da possibilidade de criar HQ com as lendas e mitos.

O contexto ribeirinho é rico em informação e por isso não pode ser descartado. Todo e qualquer contexto em que as crianças estejam podem ser utilizados em um trabalho de letramento. Sobre isso, Paiva et al (2005), evidencia que:

Qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e/ou a escrita é um evento de letramento; o que implica a existência de inúmeros gêneros textuais, culturalmente determinados, de acordo com diferentes instituições e usados em situações comunicativas reais (PAIVA et al, 2005, p.40).

É usar o que é mais natural para os alunos como matéria prima em sala de aula, valorizando cada aspecto da realidade como meio de alcançar o letramento.

- Escrever uma lenda que mais lhe chama atenção e fazer a leitura para a turma

As participações foram imediatas, não houve hesitação em escrever e suas produções chamaram atenção pelos detalhes presente na escrita. Todas as produções estão no Apêndice F. Deve-se ressaltar que a prática do letramento é concreta nessa ação realizada em sala de aula. Eles conseguiram, por meio da escrita, expressar uma realidade social de suas vivências cotidianas. Sobre isso, Soares (2004), discorre que:

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES 2004 p. 72).

Essa proposta possibilitou que os alunos se tornassem conhecedores e agentes de prática social, onde o cotidiano se tornou matéria prima de suas produções.

- A experiência da criação das HQ

Como último quesito do questionário, foi pedido que descrevessem sua experiência em relação à criação das HQ com as lendas e mitos. Abaixo segue a transcrição de cada aluno.

A1: Fazer isso é muito legal e emocionante estou tão alegre!

A2: Foi demais. Muito legal e prazeroso.

A3: É uma experiência muito legal poder ver o desenho do personagem e a cada quadrinho um mistério e uma coisa interessante de se aprender.

A4: Minha experiência na criação de quadrinhos foi boa, uma experiência que nunca fiz antes.

A5: A minha experiência foi legal, eu fiz histórias em quadrinhos, lendas e contos que os antigos contavam.

A6: Legal.

A7: A minha experiência foi legal, porque na hora que eu estava escrevendo o texto eu imaginei tudo aquilo e foi muito legal.

A8: Foi uma experiência muito legal, diferente da história contada, onde eu criei a minha história baseada na lenda do boto, sendo que eu criei falas e também desenhos.

A9: Foi uma experiência legal pude perceber que não é tão fácil quanto parece criar uma história em quadrinhos ou remontagem.

A10: Foi impressionante como é o mundo de histórias em quadrinhos ainda mais quando usamos uma de nossas lendas.

A11: Consegui escrever uma história, isso foi fantástico. Pensei que nunca seria capaz de fazer isso.

Nas palavras dos alunos, a satisfação foi evidente. Com essa abordagem foi possibilitado que o aluno se sentisse valorizado com sua identidade cultural, além de gerar um protagonismo educacional possibilitando novas formas de se fazer o percurso do ensino e da aprendizagem.

3.3.2 Fala do professor

1- O que você entende por letramento como ele pode ser aplicado no processo de ensino aprendizagem dos alunos?

Letramento é o resultado da ação de ler escrever entendendo a linguagem como prática social. Ele pode ser aplicado pela linguagem escrita, criando hábito pela leitura e escrita, envolvimento em práticas sociais.

O professor possui um conhecimento do conceito de letramento, que da mesma forma Leal (2004, p.51) destaca "... letramento não é uma abstração, ao contrário, é

uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diferentes espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas.”

Isso sem dúvida é primordial para que ele tenha sucesso nessa prática, pois ao desenvolver qualquer atividade em sala de aula, considerará a realidade o aluno e não haverá dificuldade em traçar os objetivos a serem alcançados.

2- No processo de ensino da leitura, você utiliza quais atividades em suas aulas? Explique.

O primeiro processo envolve os primeiros contatos com os livros e outros meios para o aluno criar interesse na leitura. Outro processo está ligado diretamente à alfabetização em geral e o uso da escrita.

A prática da leitura requer uma organização sistemática, a fim de que o aluno consiga encontrar significado nessa prática. Malta (2010) comenta algumas orientações que são direcionadas pelos PCN's, no processo de leitura, entre eles estão:

Estratégias de seleção: Ao ler, nosso cérebro “sabe”, por exemplo, que não precisa se deter na letra, admite que o leitor se detenha apenas aos códigos úteis, desprezando os irrelevantes.

Estratégias de antecipação: Torna-se plausível antecipar o que ainda está por vir, com base em elementos explícitos e em hipóteses. Se a linguagem não for muito rebuscada e o conteúdo não for muito novo, é possível eliminar letras em cada uma das palavras escritas em um texto, sem que a falta de informações prejudique a compreensão.

Estratégias de inferência: Permitem captar o que não está dito no texto de forma explícita. A inferência é aquilo que “lemos”, mas não está escrito. É o chamado “ler nas entre linhas”. O leitor faz a sua interpretação mediante o seu conhecimento prévio de mundo.

Estratégias de verificação: Tem com intuito de controlar a eficácia ou não das demais estratégias, permitindo confirmar, ou não, as reflexões realizadas. A estratégia de verificação serve para diagnosticar a compreensão à leitura (MALTA, 2010, p. 61).

O professor deve entender que o processo de leitura não pode ser realizada de qualquer forma, não simplesmente oferecendo livros para os alunos, tudo deve ser pensado a partir do aluno. Primeiramente é adotar um texto que fale a linguagem do aluno, sua cultura, seu ambiente a partir disso desenvolver outras estratégias com apresentadas acima.

3- Qual é a dificuldade que você enfrenta para trabalhar a leitura com os alunos?

A dificuldade apresentada na leitura está intensamente ligada ao desenvolvimento da habilidade escrita. Por isso o professor deve usar várias estratégias que possam facilitar o desempenho no processo de leitura.

Os incentivos à leitura não podem ser ações pontuais meramente trabalhadas em sala de aula, ou seja, não devem ocorrer apenas quando o professor apresenta o texto para o aluno. A leitura deve se apresentar de maneira constante na vida do aluno, é por isso que entre outras coisas cabe ao professor proporcionar e discutir possibilidades de leitura (por meio de leitura na família, ou utilizando textos literários ou de atividades de interação) que levem os alunos a pensar, a interrogar, a discordar e a concordar sempre buscando significado para o aluno.

4- Os alunos tem interesse imediato por HQ, a que você atribui esse interesse?

Primeiramente por dizer alguma coisa da realidade do aluno, segundo por possuir em sua estrutura física elementos como cor, letras, personagens entre coisas chamam a atenção. Também por ser simples de leitura e manuseio.

Por meio das histórias em quadrinhos os alunos interagem de maneira mais lúdica com o conteúdo da leitura. As imagens são um atrativo aparte que chamam a atenção, por mais que os alunos iniciem o contato com a história em quadrinhos visando apenas as imagens é inevitável que sua atenção se foque nos textos, pois há um interesse de sua parte para descobrir em que situação está o personagem visualizado por ele.

5- Você considera importante a utilização de HQ no incentivo à prática de leitura? Por quê?

Sim, porque a utilização no ensino faz com que os alunos tenham um bom rendimento nas escolas, possibilitando um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem. Aumenta a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, desafiando seu senso crítico.

As palavras do professor seguem o mesmo pensamento de Carvalho (2009), em que a autora explica as razões para se utilizar os quadrinhos na escola. Segundo ela, deve-se utilizar história em quadrinho porque ela é um atrativo para os estudantes, pois além de combinar palavras e imagens, permite a transmissão da informação.

No cenário atual em que se busca novos meios para aulas mais contextualizadas, em um ambiente estimulante que garanta a aprendizagem significativa, a história em quadrinhos pode representar uma solução.

6- Você tem o hábito de trabalhar a leitura, por meio de HQ, em sala de aula? Comente.

Sim, pois podem introduzir um tema que posteriormente será abordado a partir de outras perspectivas de ensino; podem ser apresentadas como complemento de um conceito já trabalhado e provocar debates e discussões em sala, além de trazer o aluno para o universo da leitura.

As abordagens do professor assinalam que as histórias em quadrinhos é uma atividade que dinamiza o aprendizado pela leitura e influencia os alunos ao interesse por outros livros. Com base nessas declarações, a proposta que se deve estabelecer então é dá continuidade na utilização de histórias em quadrinhos em sala de aula.

7- Você já trabalhou as lendas e mitos amazônicos em sala de aula, a fim de contribuir na prática de leitura dos alunos? De que forma?

Sim, propus a eles que descrevessem cada um uma lenda que eles conhecessem, após a produção textual, a leitura individual em roda de conversa, cada aluno relatou alguma história de mistérios que povoam a imaginação popular.

O trabalho já desenvolvido pelo professor com lenda e mitos evidencia que ele considera a ambiente de vida cotidiana como recurso de ensino. Essa prática deve ser mais valorizada e divulgada, já que como consequência natural o aluno se sente mais valorizado o que estimula sua busca pela aprendizagem.

8- Qual a sua opinião, as lendas e contos amazônicos transformados em HQ pode ajudar no letramento? De que forma?

Sim, uma história em quadrinhos consegue dialogar melhor com as crianças. As ilustrações complementam o texto, utilizam uma linguagem gráfica e permitem abordar qualquer assunto de forma simples, através de uma leitura mais prazerosa. O aluno lê, se diverte e aprende.

As HQ permitem que qualquer realidade seja utilizada para que a prática da leitura e escrita seja efetiva no desenvolvimento do aluno. Desse modo, aliar lendas e mitos com HQ é proporcionar uma prática de letramento a partir da realidade do aluno, não alienando sua consciência, pelo contrário, alimenta a autoafirmação identitária de sua raiz folclórica e cultural.

9- Expresse suas observações do trabalho de intervenção realizado em sala de aula, na criação de HQ com as lendas e contos amazônicos.

O primeiro contato das crianças com a literatura, na maioria das vezes acontece por meio dos contos de fadas, seja por influência dos pais ou através dos educadores na escola. As histórias em quadrinhos trabalhadas com lendas e contos desperta a curiosidade e estimula a imaginação dos alunos. O objetivo é que o aluno seja capaz de contemplar e reagir, diluir e refletir sobre o que foi lido, fazendo com que falem com mais facilidade sobre o assunto, revelando o seu emocional e intelectual. Esse trabalho de intervenção favorece o desenvolvimento da personalidade dos alunos, oferece significados em tantos níveis diferentes e enriquecem a existência do aluno, enquanto criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida do aluno. A literatura é capaz de transmitir e despertar a bondade, a solidariedade, o amor, a esperança, a amizade e a confiança, ajudando a formar a personalidade do aluno.

De maneira concisa, o professor concorda que a intervenção foi positiva e que as HQ se enquadram perfeitamente como o primeiro passo a ser tomado na construção de um ambiente que proporcione a prática do letramento. No processo da prática de leitura, as HQ podem ser utilizadas normalmente como estratégia inicial, não se deve centralizar a prática de leitura e escrita usando esse único gênero.

Por suas características naturais que relaciona textos e imagens, as HQ se torna uma das modalidades mais procuradas pelos leitores e isso deve ser utilizado com o ponto inicial, para que os alunos se sintam envolvidos na constante prática de ler e escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu verificar que é imprescindível a presença do letramento na vida dos alunos do ensino fundamental. Ao fazer utilização da HQ em sala de aula os alunos puderam realizar outras formas de abordagens sobre a realidade em que estão inseridos e assim reconstruir sua história no mundo.

Foi observado que o letramento, quando se tratando de prática, está também vinculada à realidade dos alunos e por isso as escolas devem utilizar essa ferramenta como meio mais eficiente para a aquisição do gosto pela leitura e escrita em sala de aula. É por isso que na sala de aula as ações de letramento servem de instrumento para que o ato de ler e escrever não se torne meramente uma ação mecânica direcionada pelo professor.

A pesquisa bibliográfica adotada neste trabalho contribuiu para o entendimento em relação à lendas e mitos da Amazônia, suas especificidades e as possibilidades de trabalhar no ambiente educacional. Pôde-se observar que em relação aos alunos do ambiente ribeirinho, deve-se sempre enfatizar suas realidade, como temas geradores, pois esse contexto não pode ser ignorado, é por meio dele que serão edificadas as práticas de leitura e escrita.

Quanto a prática de construir HQ, a turma se envolveu bastante, e ficou nítido que trabalhos nesse sentido devem ser mais realizados como forma de incentivo para os alunos. A forma natural com estão familiarizados com as lendas e mitos e as HQ é uma realidade que não pode ser ignorada.

Por meio dos questionários aplicados aos alunos foi possível constatar a relevância das HQ como instrumento de prática da leitura e escrita. Para os alunos a criação das mesmas é uma atividade que deve ser realizada sempre em sala de aula, já que se sentiram motivadas na prática da escrita e leitura. Essa relevância comentada pelos alunos já é adotadas pelo professor do 6º ano, que considera as HQ uma aliada no processo de ensino e aprendizagem.

No questionário aplicado ao professor, foi verificado o interesse do mesmo em utilizar com frequência as lendas e mitos aliado com as HQ em suas aulas. Ele destacou o interesse dos alunos em ler e escrever quando trabalhou-se com as lendas e mitos na construção das HQ.

O trabalho aqui exposto conseguiu concretizar os objetivos propostos na prática do letramento na turma do 6º ano. No entanto, ele se configura como um caso

particular e por isso o tema deve ser mais explorado por outros trabalhos, numa forma de complementar os resultados aqui expostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: A Autêntica; FAE/UFMG, 2004.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das Histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu**. 2008. 420 f. Tese (Doutorado)- Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere2006/anaisEvento/docs/CI-009-TC.pdf>>. Acesso em: 01 de mar. 2019.

BASSO, Cintia. **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores**. BENJAMIN, Walter. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. **Walter Benjamin ou a história aberta: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed., Brasiliense, 1985.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. (ensino de 5ª a 8ª série). Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CÂNDIDO, A. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. CARNEIRO, Cíntia Maria Sant'Ana Braga. CARVALHO, José Luiz de. BRAGA, Juliana Calopreso. **Lendas e Contos Populares do Paraná**. Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

CARVALHO NETO, Paulo de. **Dicionário de Teoria Folclórica**. Guatemala Editorial Universitária, Universidad San Carlos de Guatemala, 1977.

CARVALHO, Juliana. **Trabalhando com quadrinhos em sala de aula**. CECIERJ – Educação Pública, publicado em 19/05/2009. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0116.html>. Acesso em 12 de fev. de 2019.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Publicação S/A. CEJUP, 1995.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

Dicionário de Teoria Folclórica. Guatemala: Editorial Universitária, Universidade de São Carlos de Guatemala, 1977.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FEREIRA, Nair Gurgel do Amaral; TEZZARI, Neusa dos Santos. **Leitura e linguagem: discurso e letramento**. Porto Velho: EDUFRO, 1999.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 13a edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. **Sujeito letrado, sujeito total: implicações para e letramento escolar**. In: **Letramento: significado e tendências**. (orgs.) Maria Cristina de Mello e Amélia Escotto do Amaral Ribeiro, Rio de Janeiro, WAK, 2004.

LEFFA, J. V. **Produção de Materiais de Ensino: teoria e prática**. Pelotas: Educat, 2003.

LOPEZ, T. A. **A literatura como direito**. Literatura e Sociedade, São Paulo, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Culturas: uma poética do imaginário**. São Paulo. 2001.

MALTA, Renata da Silva. Trabalho de conclusão de curso: **Investigando processos de ensino da leitura e escrita na escola**: contribuições para a formação de professores. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/RSM.2010.pdf>. Acesso em: 2 de mar. de 2019.

MONFARDINI, Adriana. Artigo científico: **O mito e a literatura**. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol5/v5_4.pdf. Acesso em: 1 de mar. 2019.

PAIVA, A; MACHADO, A. R. e BEZERRA, A. **Gêneros textuais & ensino**. 4 ed. PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso**. In: GATET, F; HAK, T. (org.). Por uma análise direta do discurso. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1993.

PEREIRA, F. A. O direito à literatura: “**sonho acordado**” das civilizações. Revista Primeira Escrita, Aquidauana, n. 3, p. 175-189, dez. 2016.

PIERRE, JEAN. **Histórias das lendas**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org).

RAMA, Ângela (Org.); VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. Ed. contexto. Capítulo 1 disponível em: <http://www.editoracontexto.com.br/como-usar-as-historias-em-quadrinhos-na-salade-aula.html>. Acesso em 5 de 25de jan. 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SÁ, Gladys Oliveira de. EGAS, Márcia Guedes. Artigo científico: **Mitos e lendas indígenas e educação: a valorização do patrimônio imaterial amazônico nas escolas públicas do município de Manaus**. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21847_9369.pdf. Acesso em: 28 de fev. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva. 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Exma. Senhora Diretora Claudete da Silva Cardoso, da E.E.F. Deputado Osvaldo Brabo de Carvalho.

Tendo em vista o término do curso de Licenciatura Plena em Letras 2014, pela Universidade Federal do Pará, na qual destaca em sua legislação que para a obtenção do diploma faz-se necessário o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), eu Silvia Margareth dos Santos Castro desejo desenvolver minha pesquisa, intitulada: **“O IMAGINÁRIO DAS LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS NA ESCOLA: A PRÁTICA DO LETRAMENTO POR MEIO DA CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS”**, orientado pela Professora Dr^a. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa. O trabalho tem como objetivo praticar o letramento em sala de aula usando as lendas e contos amazônicos em histórias em quadrinhos criadas pelos alunos. Para a obtenção do objetivo proposto serão direcionadas atividades em sala de aula juntamente com questionários contendo perguntas fechadas e abertas referente ao tema, com uso de imagens em fotografias dos alunos e do espaço e sem mencionar nomes. Todas as respostas dos questionários serão usadas unicamente para fins didáticos de pesquisa e divulgação de conhecimento científico.

Subscrevo-me, com a mais elevada consideração.

Silvia Margareth dos Santos Castro

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ declaro estar ciente da minha participação no trabalho de conclusão de curso de Silvia Margareth dos Santos Castro, desenvolvido no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, curso de licenciatura pleno em Letras, intitulado **“O IMAGINÁRIO DAS LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS NA ESCOLA: A PRÁTICA DO LETRAMENTO POR MEIO DA CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS”**, orientado pela professora Dr^a. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa.

Sendo assim, eu autorizo a vincular minhas respostas presentes no questionário por mim respondido e imagem, sem, no entanto, mencionar meu nome. Autorizo unicamente para fins de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direito de vinculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Muaná (Pa) ____ de _____, 2019

APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS**

1. Idade/ Sexo: _____
2. No município onde você mora existem muitas histórias, lendas e contos?
Quais?

3. Quem conta(va) essas histórias?

4. Qual foi a primeira história que você ouviu em sua vida?

5. O que chama mais a sua atenção nessas histórias?

6. Você conhece as histórias em quadrinhos?

() sim () não () mais ou menos

7. Você gosta de ler histórias em quadrinhos?

8. Quais as histórias em quadrinhos que você mais gosta?

9. As lendas e contos que existem em seu município são parecidas com as histórias em quadrinhos? Por quê?

10. Você acha que é possível criar histórias em quadrinhos com as lendas e contos de seu município? Por quê?

11. Escreva uma lenda ou um conto que você mais gosta.

12. Comente sua experiência na criação de histórias em quadrinhos com as lendas e contos.

APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR

Nome: _____

Tempo de docência: _____

Titulação: () Graduação em _____

() Especialização () Mestrado () Doutorado

() Outro. Qual? _____

1. O que você entende por letramento e como ele pode ser aplicado no processo de ensino aprendizagem dos alunos?

2. No processo de ensino da leitura, você utiliza quais atividades em suas aulas? Explique.

3. Qual é a dificuldade que você enfrenta para trabalhar a leitura com os alunos?

4. Os alunos tem interesse imediato por histórias em quadrinhos, a que você atribui esse interesse?

5. Você considera importante a utilização de histórias em quadrinhos no incentivo à prática de leitura? Por quê?

6. Você tem o hábito de trabalhar a leitura, por meio de histórias em quadrinhos, em sala de aula? Comente.

7. Você já trabalhou as lendas e mitos amazônicos em sala de aula, a fim de contribuir na prática de leitura dos alunos? De que forma?

8. Qual a sua opinião, as lendas e contos amazônicos transformados em histórias em quadrinhos pode ajudar no letramento? De que forma?

APÊNDICE E- PLANO DE INTERVENÇÃO



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SILVIA MARGARETH DOS SANTOS CASTRO

PLANO DE INTERVENÇÃO

E.E.F. DEPUTADO OSVALDO BRABO DE CARVALHO

PÚBLICO ALVO: ENSINO FUNDAMENTAL- 6º ANO

DURAÇÃO: UMA SEMANA

TEMA: CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COM AS LENDAS E MITOS AMAZÔNICOS.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Praticar o letramento em sala de aula usando as lendas e mitos amazônicos em histórias em quadrinhos criadas pelos alunos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

-Contribuir para a formação de alunos leitores, críticos e participativos, capazes de interagirem em sua realidade na condição de cidadãos consciente de sua atuação na sociedade.

-Proporcionar aos alunos momentos práticos sobre a problemática do desmatamento, através de atividades lúdicas, significativas e prazerosas.

-Realizar atividades de formação ambiental, através da oralidade, onde os alunos possam interagir com a problemática ambiental da comunidade local.

METODOLOGIA

1º Dia: Apresentação da proposta de trabalho

Apresentar à turma a proposta de trabalho de Produção de história em quadrinhos das lendas e mitos amazônicos.

2º Momento: Apresentar os elementos na narrativa mítica amazônica

Explicação geral sobre os mitos e lendas amazônicas e foi pedido que ao retornarem para suas casas pudessem fazer um levantamento sobre as lendas e mitos que sua família conta ou contava para seus filhos, netos, etc.

3º Momento: Aula sobre história em quadrinhos

Exposição sobre as HQ com questionamento sobre a possibilidade de em fazê-los.

4º Momento: Construção das histórias em quadrinhos

Elaboração das histórias em quadrinhos

5º Momento: Aplicação dos questionários aos alunos e professor

RECURSOS MATERIAIS

-Papel A4

-Canetinhas

AVALIAÇÃO

A avaliação será processual e continuada. A cada etapa do plano de aula haverá a observação do envolvimento e interesse dos alunos nas atividades propostas durante o processo ensino-aprendizagem, buscando compreender a estratégia, utilizadas por eles na construção do conhecimento, da oralidade, da leitura e da escrita, quanto à participação individual e em grupo nos diferentes momentos da aula proposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.

PEREIRA, Franz Kreüther. **Painel de Lendas e Mitos da Amazônia**. Revisado e Ampliado pelo autor, Trabalho premiado (1º lugar) no Concurso "Folclore Amazônico 1993" da Academia Paraense de Letras, Belém-Pará, 2001, disponível em http://vbookstore.uol.com.br/nacional/misc/painel_de_lendas.PDF. Acesso em: 10 de dez. 2018.

SÁ, Gladys Oliveira de. EGAS, Márcia Guedes. Artigo científico: **Mitos e lendas indígenas e educação**: a valorização do patrimônio imaterial amazônico nas escolas públicas do município de Manaus. Disponível em: educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21847_9369.pdf. Acesso em: 11 de dez. 2018.

APÊNDICE F- AS HQ PRODUZIDAS

